# ORALIDADES DE CARAPICUÍBA

UMA REVISTA SOBRE AS NARRATIVAS DAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO

1ª EDIÇÃO

01/12/2025




0 8277 8986 2610 1210 0300 0

— SÉRGIO VAZ

# É PRECISO ENXERGAR O QUE NÃO PODE SER VISTO

# ORALIDADES

Oralidades nasce da escuta. É uma revista dedicada a ouvir, traduzir e amplificar as vozes que constroem e habitam as periferias: artistas, coletivos, agentes culturais, mães, jovens, anciãs e trabalhadores. Nesta primeira edição, o olhar se volta para Carapicuíba, entendida não como cenário distante nem como problema a ser decifrado, mas como um território vivo, onde histórias se cruzam e revelam modos próprios de cuidar, criar e resistir.

Aqui, a reportagem não fala por ninguém. Ela abre espaço para que cada pessoa conte, com sua própria voz, o que sabe, sente e produz. Quando falamos em cultura, falamos de repertório de vida: técnicas, linguagens, memórias, saberes práticos e formas de convivência que sustentam comunidades. Nas periferias, muitas dessas expressões nascem da necessidade de celebrar, sobreviver, se organizar e, ao mesmo tempo, tornam-se ferramentas de afirmação e visibilidade.

Por isso, a revista aborda a cultura periférica em toda a sua complexidade: força criativa, gesto político e prática cotidiana que mantém lares e vínculos. Oralidades é um convite para ouvir com atenção, desmontar estereótipos e reconhecer a pluralidade das histórias que emergem desses territórios. Também é um gesto de reparação simbólica, oferecendo espaço e visibilidade a narrativas que raramente aparecem com a profundidade que merecem.


Direção Editorial

FELIPE VENTURA
GUILHERME AUGUSTO

Edição e Redação

FELIPE VENTURA
GUILHERME AUGUSTO

Projeto Gráfico e Diagramação

FELIPE VENTURA

Fotografia

GUILHERME AUGUSTO
JULIA DE SOUSA
ERIC REMASSOTTI

Colaboradores

AIRTON DOS SANTOS
JULIA DE SOUSA
JEFFERSON ZACARIAS
JENNIFER MENDES
ANDRÉA GOMES
ANDRÉ ROMÃO

Apoio

ESCOLA LUMIART
ALDEIA
BEZZO ART

Locações

ESCOLA LUMIART
COMPLEXO CULTURAL
ASSOCIAÇÃO SÃO JOAQUIM
ALDEIA

Publicação

Oralidades – 2025 / 1ª edição
Carapicuíba, SP


Editores






# SUMÁRIO




28 JULIA

40 JEFFERSON

52 JENNIFER


# RIO




CULTURA, PERIFERIA E CULTURA DA PERIFERIA 06

CARAPICUIBA: CIDADE PLURAL 18

68 ANDRÉA

82 ANDRÉ

CIRCUITO CULTURAL 94

102 ORALIDADES DAS RUAS




# O REPERTÓRIO QUE NOS FORMA

## CULTURA COMO PRÁTICA COTIDIANA E CONSTRUÇÃO COLETIVA

Cultura começa em lugares onde quase ninguém presta atenção. Ela aparece na cozinha quando alguém repete um gesto aprendido com quem veio antes, surge no quintal onde crianças criam brincadeiras que se transformam todos os dias e cresce nas calçadas onde a vizinhança se encontra para conversar e trocar histórias. Cultura é algo que se forma devagar, no ritmo da vida diária, nos hábitos que atravessam casas, nos sons que marcam o bairro e nos gestos que aproximam as pessoas. Ela se firma no cotidiano, mesmo quando ninguém percebe que está acontecendo.

ESCRITO POR: **FELIPE VENTURA**

# A VIDA CRIA CULTURA

FOTO TIRADA EM: RECANTO NORDESTINO, VILA ROSA — R. JOSÉ FERNANDES TEIXEIRA ZUZA, 580



Quase nunca percebemos quando aprendemos cultura. Ela não chega com aviso, nem com aula formal, nem com cerimônia. Chega pelo ouvido atento, pela observação silenciosa e pelo convívio que molda repertórios sem que se perceba. Surge no momento em que alguém corrige um modo de falar, quando uma avó explica a receita da família para os netos, quando um vizinho ensina como resolver algo “do jeito certo” porque sempre foi assim. Nesses gestos, pequenas práticas se acumulam e ganham continuidade, virando referências que atravessam gerações sem precisar de explicação. Cada gesto que se repete vira tradição; cada tradição que se adapta vira invenção.

Ao mesmo tempo, cultura é um organismo em movimento. Ela guarda traços de quem veio antes, mas nunca permanece fixa. A cada geração, algo muda: ingredientes se transformam, canções ganham novas versões, histórias trocam detalhes, práticas ganham outros sentidos. O que é antigo não desaparece; ele se mistura ao novo e produz uma camada a mais de significado. Essa mistura constante é o que permite que a comunidade continue se reconhecendo, mesmo diante das transformações do mundo. Cultura é memória, mas é também resposta ao presente. É continuidade, mas também reinvenção.

Ela está nas celebrações que marcam o calendário afetivo de um território, como festas, rituais e encontros que todo mundo conhece de memória, mas também nas pequenas rotinas que não entram em fotos e nunca viram notícia. Cultura é o modo como as pessoas cuidam umas das outras, como lidam com perdas, como celebram conquistas, como transformam dificuldades em aprendizado. É o que sustenta o cotidiano e o que dá sabor a ele.

Ela é produção simbólica, mas também prática. É estética, mas é igualmente sobrevivência. A força cultural de um território está tanto nos grandes momentos quanto nos gestos discretos que sustentam a vida.

A cultura de um território se revela quando caminhamos por ele com atenção. Na esquina onde moradores se cumprimentam pelo nome, no bar onde sempre toca a mesma música ao fim do dia, na praça onde alguém ensaia passos de dança enquanto crianças correm, nos muros pintados com histórias que não caberiam em livros.

Cada uma dessas cenas carrega uma sabedoria construída coletivamente, um modo de interpretar o mundo que não pode ser simplesmente reproduzido em outro lugar. São pedaços de vida que, reunidos, formam um panorama que só existe ali. Observar a cultura é observar a vida em movimento. É perceber que nenhuma comunidade é simples e que cada território guarda sua própria lógica, sua combinação de memórias, técnicas, linguagens, expectativas e desejos.

Cultura é isso: um repertório comum que orienta quem somos, como convivemos e que futuro imaginamos possível. É a soma das experiências que moldam nossa visão de mundo e também aquilo que deixamos como legado para quem seguirá depois. Ela nos atravessa, nos orienta e nos acompanha, mesmo quando não nos damos conta.

# PERIFA: UMA OUTRA LÓGICA DE CIDADE

## ENTENDA COMO A NECESSIDADE E O VÍNCULO MOLDAM UM TERRITÓRIO DEFINIDO PELA CAPACIDADE DE INVENÇÃO

A periferia é um território moldado por desigualdades estruturais, mas, acima de tudo, por uma capacidade teimosa de invenção. Ela não se define apenas pela distância geográfica do centro ou pelas carências que as estatísticas insistem em apontar. Ela se define pelas condições de vida que exigem, todos os dias, soluções coletivas e vínculos de aço. É um lugar onde a cidade funciona em outra lógica, sustentada pela força do cotidiano, pela solidariedade entre vizinhos e por práticas que nascem não do planejamento de gabinetes, mas da urgência da vida real.

ESCRITO POR: GUILHERME AUGUSTO

Essa vida periférica se constrói fundamentalmente em espaços compartilhados e polifônicos. A rua não é apenas passagem; é ponto de convivência onde o som do funk se mistura à pregação da igreja e ao grito das crianças correndo atrás da pipa. A feira de domingo vira parlamento popular, lugar de conversa e troca, enquanto o mercadinho do bairro funciona como nó da rede comunitária, onde o fiado ainda é um contrato de confiança verbal valiosíssimo.

Essas relações criam pertencimento sem depender de formalidades. Do vizinho que vigia a casa à garagem que vira comércio, tudo revela uma inteligência coletiva. É uma engenharia social que mantém o território funcionando nas brechas deixadas pelo poder público.

A leitura do geógrafo Milton Santos é fundamental para ler essa paisagem sem preconceitos ou esteriótipos. Ele afirma:

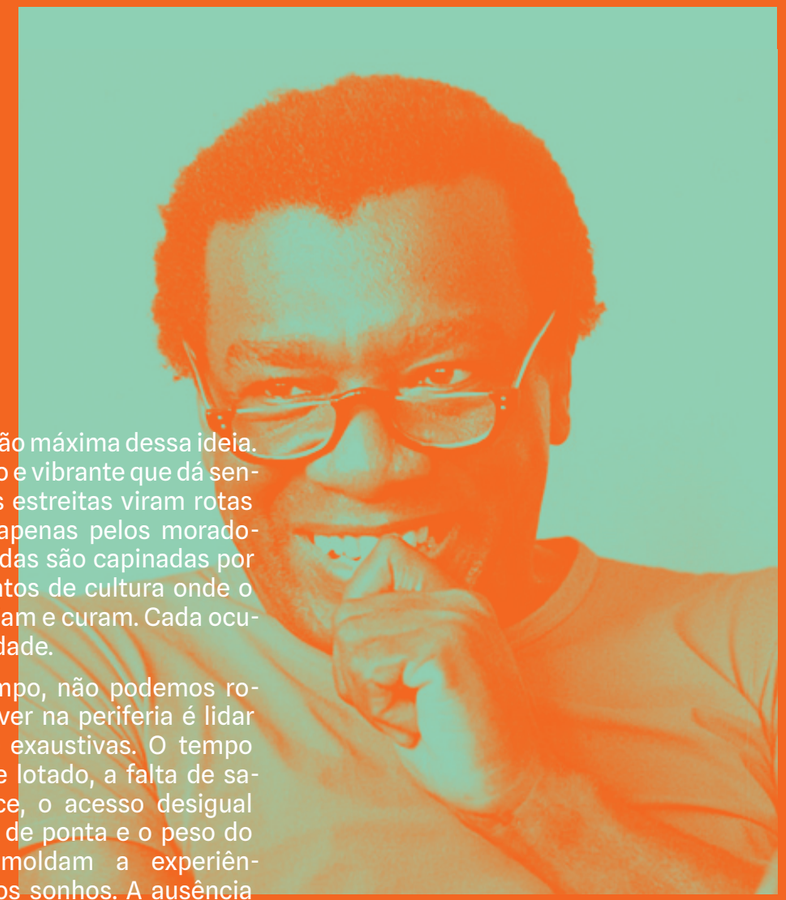
> O TERRITÓRIO TEM QUE SER ENTENDIDO COMO O TERRITÓRIO USADO, NÃO O TERRITÓRIO EM SI





MILTON SANTOS EM ENTREVISTA PARA O JORNAL DO BRASIL, 1977

FOTO: SITE MILTON SANTOS



A periferia é a expressão máxima dessa ideia. É o uso humano, suado e vibrante que dá sentido ao espaço. Vielas estreitas viram rotas seguras conhecidas apenas pelos moradores; praças abandonadas são capinadas por coletivos e viram pontos de cultura onde o slam e a rima denunciam e curam. Cada ocupação constrói identidade.

Ao mesmo tempo, não podemos romantizar a dureza. Viver na periferia é lidar com tensões reais e exaustivas. O tempo perdido no transporte lotado, a falta de saneamento que adoece, o acesso desigual a hospitais e escolas de ponta e o peso do racismo estrutural moldam a experiência e tentam limitar os sonhos. A ausência do Estado é sentida na pele, e a violência, muitas vezes, dita regras. Mas é justamente no atrito dessas limitações que surgem formas de organização que não aparecem nas áreas nobres da cidade. A criatividade cotidiana vira ferramenta de sobrevivência — o famoso "corre".

O improviso vira método tecnológico, a gambiarra vira solução de engenharia e a necessidade vira impulso para uma economia que gira bilhões, mas que raramente é valorizada. A periferia inventa porque precisa, mas essa invenção, com o tempo, deixa de ser apenas refúgio para se transformar em cultura, estética e política.

A periferia, portanto, não é um lugar à parte, nem um "problema" a ser resolvido de fora para dentro. É o espaço onde a cidade revela tudo o que é capaz de produzir quando a população toma a frente da própria existência. É território em movimento, pulsante, que se reinventa a cada amanhecer. Ali, o cotidiano não é apenas rotina: é resposta, é estratégia de guerra e de paz, e é, acima de tudo, criação contínua de futuro.

# A CULTURA QUE REINVENTA O CHÃO

## DA ESCASSEZ À POTÊNCIA: COMO A ARTE ORGANIZA A VIDA E ABRE NOVOS CAMINHOS

ESCRITO POR: GUILHERME AUGUSTO

A cultura periférica surge de uma alquimia complexa entre necessidade, urgência de expressão e a convivência inevitável. Ela nasce no momento exato em que alguém encontra uma língua possível para contar sua própria história, recusando o silêncio imposto pelas dificuldades. Quando um grupo cria espaço para discutir o que vive, ou quando um escadão íngreme vira arquibancada porque não existe teatro no bairro, algo novo acontece. É uma cultura que não espera edital nem autorização: ela cresce no improviso, ganha corpo na teimosia e se consolida pela força do coletivo. Não depende de grandes estruturas de cimento e vidro, porque o que a sustenta é o território e a confiança nas relações construídas ali.



Essa criação se manifesta de modos visíveis e sonoros, alterando a paisagem cinza. O sarau literário, muitas vezes feito dentro de um bar ou numa praça mal iluminada, faz mais do que recitar poemas: ele forma leitores críticos, ouvintes atentos e cidadãos que descobrem que sua fala importa. A batalha de rima, com caixas de som na calçada, reúne jovens que transformam suas vivências em agilidade mental e crônica social instantânea. O grafite nos muros dá cor e forma a memórias locais que jamais apareceriam nos livros didáticos, transformando paredes descascadas em galerias a céu aberto.

PAREDE GRAFITADA EM:
JARDIM ANGELA — R. RIO JORDÃO, 37

Mas a cultura periférica vai além da juventude e do hip-hop. Ela está na roda de samba que mantém viva a tradição dos mais velhos, no artesanato das mulheres que vira fonte de renda e terapia comunitária, e nas oficinas organizadas em garagens que ampliam horizontes onde a escola formal muitas vezes não alcança. Essas práticas transformam o que poderia ser apenas "passatempo" em ferramenta de pertencimento, educação e saúde mental. Elas criam, no meio da densidade urbana, zonas de respiro e afeto.

Ao mesmo tempo, essa produção cultural é profundamente política, mesmo quando não levanta bandeiras partidárias. Toda vez que uma pessoa da periferia afirma sua voz, preserva uma história ancestral ou cria uma estética própria, ela está produzindo resistência. Isso não significa apenas oposição direta, mas a escolha consciente de existir de maneira digna, bela e altiva num território marcado por limites. A cultura periférica se constrói nessa tensão constante entre o que falta (recurso, espaço) e o que se inventa (solução, arte), entre o risco da violência e o cuidado da rede de apoio.

Mais do que resistir, essa cultura reivindica o direito à beleza e à excelência. Na periferia, a estética não é futilidade, é armadura. O cuidado com o corte de cabelo, a produção impecável para o baile ou a customização das roupas são formas de negar a invisibilidade social. Quando o morador cria seus próprios códigos de moda e comportamento, ele inverte a lógica de que o "bonito" e o "certo" vêm de fora. Pelo contrário: é a periferia que passa a ditar tendências, exportando gírias, ritmos e estilos que o centro da cidade tenta copiar, mas raramente entende a essência. Essa "autoestima blindada" é uma tecnologia social sofisticada, que permite transitar de cabeça erguida em qualquer lugar.





Além da identidade, existe a força da autonomia econômica. A cultura periférica movimenta uma cadeia produtiva invisível aos olhos do mercado tradicional, mas essencial para o sustento de milhares de famílias. É o organizador da festa, a costureira da escola de samba, o designer gráfico autodidata que faz os flyers do comércio local, o tio que vende o espetinho na porta do evento. Essa rede de corres cria um ecossistema onde o dinheiro circula dentro do próprio bairro, gerando renda e independência. A cultura, aqui, deixa de ser apenas lazer para se tornar profissão e sustento, provando que o território é capaz de gerir suas próprias riquezas.

Essa produção também desafia as fronteiras entre o antigo e o novo, digerindo influências de todos os lados. A periferia tem a capacidade única de misturar o sagrado e o profano, o rural e o urbano, sem gerar conflito. O tambor da religião de matriz africana conversa com a guitarra elétrica; a tradição da Folia de Reis caminha pelas mesmas ruas onde o funk explode. Essa mistura não é bagunça, é complexidade. Ela mostra que o território não é um lugar isolado, mas um ponto de encontro onde tudo o que chega é transformado, ganhando um sotaque próprio e uma nova função social.

No fim, a cultura periférica ganha força porque é vital. Ela traduz experiências em arte, transforma ambientes hostis em lugares de encontro, fortalece vínculos enfraquecidos e, fundamentalmente, cria futuro. Não é apenas expressão artística; é a prova concreta de que a comunidade produz soluções estéticas e sociais capazes de sustentar e transformar o território de dentro para fora.

FOTO TIRADA EM:
BARBEARIA DUVISUAL, VILA ROSA — R. JOSÉ FERNANDES TEIXEIRA ZUZA, 134



# CARAPICUÍBA: CIDADE PLURAL

## DA ANCESTRALIDADE INDÍGENA À AGITAÇÃO URBANA: UMA IDENTIDADE QUE SE REVELA NA MISTURA

ESCRITO POR: FELIPE VENTURA

FOTOS POR: GUILHERME AUGUSTO (@THE.AUGUSSTO)

Carapicuíba é um território que não cabe nos mapas convencionais. É uma das cidades mais densas do país, onde a vida acontece na proximidade radical. Aqui, a arquitetura não segue apenas o planejamento das pranchetas, mas a lógica do afeto e da necessidade: as casas se encostam, as lajes se sobrepõem e os quintais conversam entre si. Essa geografia do contato moldou um jeito específico de ser e de criar cultura. Em Carapicuíba, nada é isolado; tudo é coletivo por definição.

Essa densidade urbana convive com uma força ancestral que poucas cidades na região metropolitana possuem. O chão de Carapicuíba guarda a memória de séculos.



FOTO TIRADA EM: VILA ROSA — R. JOSÉ FERNANDES TEIXEIRA ZUZA

A presença da Aldeia Jesuítica não é apenas um marco histórico isolado, mas um lembrete constante de que ali, muito antes do asfalto e dos viadutos, já existia uma tecnologia de convivência e resistência. A cidade cresceu ao redor desse núcleo, criando uma paisagem única onde o ritmo frenético dos terminais de ônibus e a urgência moderna dos comércios populares coexistem com tradições que se recusam a desaparecer.

Nas ruas, essa mistura explode em cores. Carapicuíba desenvolveu uma estética visual própria, visível nos muros grafitados que cortam as avenidas, na organização das festas de bairro e na ocupação criativa das praças. É uma cidade que não teve tempo de ser monótona. A falta de grandes espaços vazios obrigou a cultura a ocupar as brechas, transformando escadões, garagens e esquinas em pontos de produção artística. Se a periferia é o lugar da invenção, Carapicuíba é o laboratório onde essa invenção acontece em velocidade máxima.

Gerir essa efervescência, no entanto, é um desafio complexo. Como garantir que a cultura circule num território tão vibrante, mas marcado por dificuldades de acesso? Como conectar a tradição da terra batida com a juventude conectada das Cohabs?

Para entender os caminhos dessa gestão, ouvimos quem tem a tarefa de olhar para esse todo. Nas páginas a seguir, o diálogo é com a Secretaria de Cultura, buscando entender como o poder público lê e atua sobre essa cidade que não para de se transformar.



# AIRTON DOS SANTOS

**AIRTON, CONHECIDO COMO “PROFESSOR BATATA”, É ARTISTA E GESTOR CULTURAL: FORMADO EM ARTES PELA FACULDADE PAULISTA DE ARTE, COM PÓS-GRADUAÇÃO EM REAPROVEITAMENTO DE LIXO COMO OBRA DE ARTE, E HOJE À FRENTE DA SECRETARIA DE CULTURA DE CARAPICUÍBA.**

## 1 COMO VOCÊ DESCREVE A CARA CULTURAL DE CARAPICUÍBA?

“A cara de Carapicuíba tá muito ligada à Aldeia, aquele lugar histórico, fundado lá atrás e cheio de memória. Mas a cidade tem outros pontos menos conhecidos: a Vila Sul-Americana, o Educandário, a Igreja de Nossa Senhora Aparecida, tudo isso compõe nosso tecido. E, na prática, temos um celeiro de artes plásticas aqui: pintores, grafiteiros, artesãos, um leque grande de artistas que fazem a cidade respirar.”

## 2 QUAIS PROJETOS OU EXPOSIÇÕES A SECRETÁRIA TEM FEITO?

“A gente tem fomentado ações práticas: por exemplo, O Artista no Shopping, levar arte pro público e dar visibilidade. Estamos promovendo exposições temáticas (como as do Moacir Ricardo sobre povos tradicionais) e buscando parcerias externas para fortalecer a cena. Também planejamos realizar o primeiro Salão de Arte de Carapicuíba, com curadores parceiros, mesmo que por enquanto seja um evento anual.”

## 3 QUAL É O MAIOR DESAFIO PARA PROPAGAR A CULTURA AQUI?

“A maior dificuldade é a logística. Carapicuíba tem muitas comunidades e não conseguimos levar espaços para todos nem trazer todas as crianças até os centros. Ter espaço físico não basta se não há como fazer chegar os moradores até ele, esse é o nó que estamos tentando desatar.”

## 4 QUAIS SÃO AS METAS DA SECRETARIA PARA ESSE ANO?

“Queremos ampliar a formação: trazer profissionais para lecionar, criar aulas e oficinas para crianças e jovens, pintura, desenho, escultura, modelagem com argila, e aproveitar a aptidão que já existe em jovens do território. Hoje temos estagiários trabalhando na restauração das nossas peças e queremos transformar isso em oferta regular de oficinas e práticas formativas.”





## 5 QUAIS LOCAIS VOCÊS TÊM PRIORIZADO PARA AÇÕES CULTURAIS?

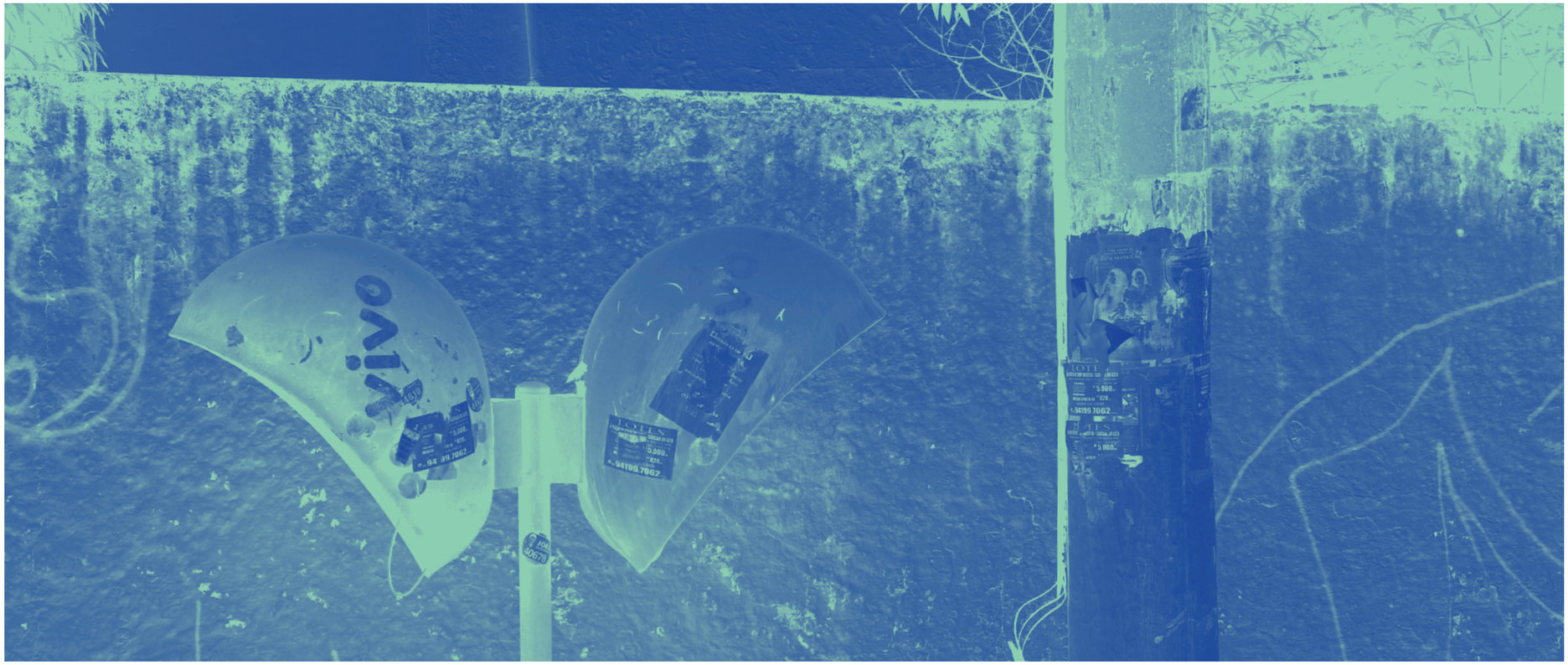
“Estamos reestruturando a Secretaria e concentrando ações na Aldeia por sua dupla vocação cultural e turística, turismo histórico e manifestações culturais convivem ali. A ideia é transformar a Aldeia num polo: atrair artesãos, culinária, eventos e turistas, mas sem esquecer outras frentes e a necessidade de descentralizar no futuro.”

## 6 QUE RECADO VOCÊ QUIER DEIXA PARA OS ARTISTAS LOCAIS?

“Vivemos tempos de novos desafios; o artista sempre enfrenta problemas e precisa de união. Uma das nossas funções é aproximar, mapear e cadastrar os artistas, gerar redes de apoio. A união e o engajamento são essenciais para construir uma Carapicuíba com mais força cultural.”

FOTO TIRADA EM:

VILA ROSA — R. JOSÉ FERNANDES TEIXEIRA ZUZA



# MEMÓRIA VIVA

## VOZES QUE MOLDAM A CULTURA DA CIDADE

Nesta sessão reunimos pessoas que carregam a história de Carapicuíba na voz, no corpo e no trabalho. São educadores, artistas, produtores culturais e moradores que, de maneiras diferentes, movimentam a cidade. Cada uma delas fortalece a cultura local à sua forma, criando projetos, ampliando redes, abrindo espaços ou inventando caminhos possíveis dentro do território.

Aqui, cada entrevistado se apresenta antes de compartilhar sua narrativa. Esse primeiro momento aproxima o leitor de quem fala e revela como cada trajetória se relaciona com a cidade e com a cultura que nela se forma.

Nas páginas seguintes, você encontra relatos que atravessam memórias, afetos, experiências e modos de existir que fazem de Carapicuíba um território criativo e múltiplo. São histórias reais, contadas pela própria voz de quem vive a cidade e construídas a partir da oralidade e do cotidiano que molda o lugar.

# JULIA "JPEG" DE SOUSA SILVA







# QUEM É JPEG?

ENTREVISTA POR: **FELIPE VENTURA**

**JULIA DE SOUSA SILVA, CONHECIDA ARTISTICAMENTE COMO JPEG, TEM 21 ANOS, É FOTÓGRAFA E ARTISTA VISUAL DE CARAPICUÍBA. INSPIRADA PELAS LEMBRANÇAS E PELOS ESPAÇOS DA QUEBRADA, REGISTRA O COTIDIANO COM SENSIBILIDADE E AUTENTICIDADE. ENTRE COLETIVOS E PROJETOS INDEPENDENTES, SEU TRABALHO BUSCA REVELAR A BELEZA E A FORÇA DA VIDA PERIFÉRICA POR MEIO DA IMAGEM.**

## 1 COMO VOCÊ COSTUMA SE APRESENTAR QUANDO PERGUTAM “QUEM É VOCÊ?”

“Meu nome é Júlia, tenho 21 anos, sou fotógrafa, trabalho com audiovisual e pretendo continuar na área de arte educação. Aí eu normalmente nunca sei o que falar depois. Eu falo: calço 39, às vezes 40, minha cor favorita é amarela e eu moro em Carapicuíba desde que eu me conheço por gente.”

## 2 ONDE VOCÊ CRESCEU E COMO ERA ESSE LUGAR?

“Eu morei em duas casas diferentes, mas basicamente foi ali na região da Vila Menk. Eu não fui dessas crianças que brincava na rua, por ter um fluxo muito perigoso de carro, mas isso não me impediu para eu ser criativa, não me impediu para acabar desenvolvendo alguma coisa ali em relação a ter limite de brincadeira. Meus primos, a gente sempre brincava de um monte de coisa. A gente criava o próprio universo dentro de casa,

JULIA E SEUS PRIMOS EM UMA FESTA DO PIJAMA (ACERVO PESSOAL)




porque a gente sempre teve quintal e espaço, então sempre quando criava uma cabana de lençol era sempre alguma coisa diferente."

## 3 QUE LEMBRANÇA DA INFÂNCIA VEM À CABEÇA PRIMEIRO QUANDO PENSA EM "FELICIDADE"?

"A primeira, eu acho que é brincando com os meus primos no quintal, que justamente era uma aventura, então eu penso neles, que é a minha maior memória afetiva. Tanto que foi por isso que foi a minha primeira escolha quando eu pensei no documentário de memória, porque são eles, são meus primos. A minha família sempre foi muito próxima, então, a gente tem bastante contato e de alguma forma eu quis colocar isso no meu, na época, trabalho mais importante da vida."

## 4 TINHA ALGUÉM (OU ALGO) QUE TE INSPIRAVA QUANDO PEQUENA?

"Eu diria a minha mãe, desde que eu me entendo por gente, eu sou rodeada de revistas antigas, porque ela gosta de fazer colagem, sempre fui cercada de muito papel e todas as minhas festas, ela que fazia a decoração,e mesmo assim ela não admite que é artista. E no inconsciente, eu, durante muito tempo, também não me admitia como artista. Eu acho que a minha própria vivência, questão de rotina. Tem uma, uma frase que eu carrego pra mim, que é: Olhe sempre com olhos de turista para enxergar beleza onde todo mundo vê rotina, que diz justamente da forma como eu fotografo, porque é atenção com detalhes, e se eu não tivesse no detalhe, se eu não tivesse olhos de turista, para chegar beleza, onde todo mundo vê rotina, eu não teria o feeling que eu tenho hoje e essa forma, esse fluxo de trabalhar."





JULIA E SUA MÃE, MARIA (ACERVO PESSOAL)









COLAGENS FEITAS POR MARIA (ACERVO PESSOAL)

## 5 QUE CHEIROS, SONS OU LUGARES DA INFÂNCIA AINDA TE DÃO SENSAÇÃO DE CASA?

"Acho que eu colocaria bolo em casa de vó. Hoje eu moro no quintal da minha avó, mas antes era novidade. Eu chegava na casa da minha avó e lá estava com um cheiro de bolo ou de feijão do norte que ela gostava de fazer."

## 6 O QUE VOCÊ COMEÇOU A PERCEBER SOBRE QUEM ERA OU QUERIA SER NA ADOLESCÊNCIA?

"Enquanto muita gente sabia o que queria ser, eu não sabia. Foi quando no nono ano eu quis fazer ensino médio na ETEC e o único curso que me chamava atenção era processos fotográficos, mas no fim eu acabei não indo. Pensei então em fazer no ano seguinte, mas foi quando entrou a pandemia e aí... se eu não sabia o que fazer antes, imagina agora. Quando eu terminei a escola, meio que começou a

entrar outras prioridades. Precisei arrumar um emprego, mas não estava dando certo. Foi quando eu pensei: ‘não dá pra eu conseguir um trampo e só depois decidir o que eu quero. Por que eu não tento a ETEC de novo?’. Em dezembro de 2022, eu fiz o vestibulinho e isso mudou a minha vida.”

## 7 TEVE ALGUMA VIRADA DE CHAVE DURANTE O PROCESSO?

“Acho que foi depois da pandemia que eu pensei que não dava mais para parar, que eu resolvi voltar em algo que eu não sabia que ia dar certo, que era fotografia. Porque a arte sempre esteve junto comigo, o processo criativo sempre esteve junto comigo, desde quando eu montava uma casinha de lençol, ou quando eu ajudava minha mãe a recortar a revista, mas eu só não sabia quando ele ia me encontrar de novo. Acabei encontrando atrás de uma lente 18-55.”

## 8 VOCÊ ESCOLHEU O SEU CAMINHO OU ELE TE ESCOLHEU?

“Acho que foi um pouco dos dois. Desde pequena eu já tinha esse olhar curioso, de guardar lembranças e montar álbuns com minha mãe, mas nunca pensei que isso viraria trabalho. A fotografia foi me escolhendo aos poucos, fui pegando a câmera, registrando as pessoas, o bairro, e quando percebi já tava mergulhada nisso. Hoje entendo que foi um caminho que me encontrou, mas que eu também abracei com vontade.”





## 9 EXISTE ALGO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE O MUNDO ENTENDESSE MELHOR SOBRE QUEM VOCÊ É?

“Acho que não só sobre mim, mas sim sobre tudo no geral: e você tiver o olhar atento, só para observar a sua rotina, você vai perceber como realmente o extraordinário da vida tá ali.”

## 10 COMO VOCÊ GOSTARIA DE SER LEMBRADA?

“Quero ser lembrada pela minha arte. O meu modo espontâneo de às vezes lidar com tudo, às vezes não ter filtro para falar. Pelos meus brincos grande, pela forma como eu arrumo o meu cabelo, pela forma como eu conto a minha arte. Da forma como eu registro e tenho um recorte sobre as coisas.”

ESCANEIE O QR CODE E
ESCUTE A ORALIDADE DE JULIA



(ACERVO PESSOAL)

Eu já estava fazendo fotos de exposição há um bom tempo, né? Então eu já estava conhecida por isso. E aí, no começo desse ano, Gabriele, conhecida como Bri, que, além de ser tatuadora e professora, também é uma grande amiga minha que a Lumiart nos uniu. E aí ela tava falando: 'Ah, eu vou fazer uma exposição e tal, que vai diferenciar o meu pai, que mostra a Herança Criativa, e eu queria que você fizesse as fotos'.

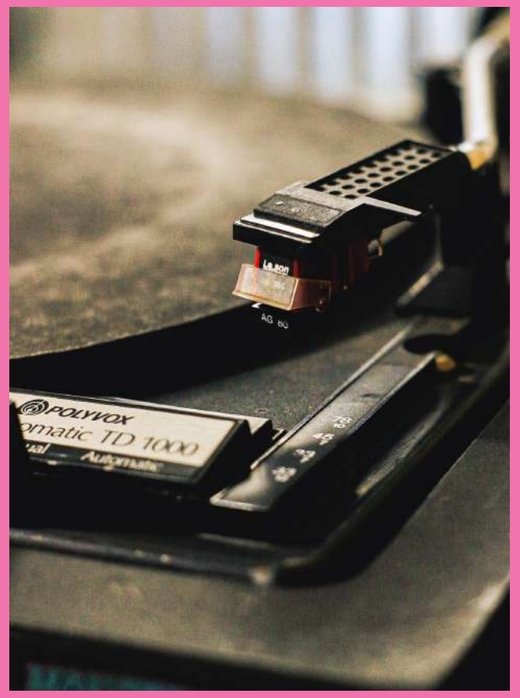
Aí a gente tinha dividido, que eu ia fazer as fotos de campanha dela, que depois ela acabou usando, e as do próprio dia. Eu falei, tá bom, vamos. Era março, 'são as águas de março fechando o verão', e choveu muito, muito, muito, muito, muito. E aí, tinha chovido muito, no outro dia eu tinha ido num aniversário, no dia anterior. Eu estava completamente virada de cansaço, mas é aquilo, eu tenho um compromisso, querendo ou não.

E aí, quando eu tinha chegado aqui na Lumiart, ela me recebeu assim, com o olho cheio de água. Falou tipo assim: 'Você veio, eu não sabia que você ia vir e tal. Tá tudo dando errado, aqui alagou, eu queria fazer de um jeito na área aberta, eu não vou conseguir e tal, etc. Tentei me arrumar, mas o que eu queria usar não estava dando certo'. Aí eu falei: 'Não, calma, eu vou, eu falei que ia vir, eu vou vir e vou fazer e tal, tudo certinho'. E aí, a gente pegou, tal. E aí quando eu terminei, eu falei assim: 'Ó, vou te entregar o material o quanto antes. Aproveitar que tá recente.

Terminei as fotos, entreguei e aí, tipo, ela me recebe com uma mensagem de volta falando como tudo, como estava lindo, nem parecia que estava um caos, que eu consegui realmente superar o que ela estava esperando e que se fosse para lembrar do dia da exposição, ela não lembraria da chuva, ela não lembraria do caos, não lembraria dos contratempos, e sim, lembraria da homenagem realmente que era para ter sido feito na exposição, né, que era para o pai dela.

E aí, às vezes a gente acaba duvidando do próprio potencial e de como uma foto, um trabalho transforma e esse foi um foi um bom exemplo disso. Porque às vezes a gente acaba pensando que o que a gente faz não é nada demais. Só que aí nesse dia eu percebi que como realmente fez diferença, porque não era só registrar e fotógrafo é justamente isso, não é registrar e sim eternizar momentos, memórias e principalmente sentimentos. Então, eu acho curioso quando às vezes para assim para pensar que, ah, não foi nada demais, mas para ela mudou o dia dela. E ainda ganhou um reels de, de graça, que eu falei: 'Não, eu vou fazer e tal e vou, vou aproveitar. Eu tô aqui mesmo, então vamos fazer'. E aí na época ela falava assim que ela não conseguia ver tanto o reels quanto as fotos sem ter uma vontade de chorar, mas dessa vez de emoção, que foi diferente quando ela tinha me recebido da outra vez.

ALGUMAS DAS FOTOS TIRADAS POR JULIA NO DIA DA EXPOSIÇÃO HERANÇA CRIATIVA, 2025




TOCA DISCOS
POLYVOZ AUTOMATIC TD 1000
+ AGULHA LE SON AG 80









EP " THE COST OF LIVING" POR THE CLASH, 1979





# JEFFERSON DA SILVA ZACARIAS




FOTO POR: ERIC RAMASSOTTI (@SOECRIA)



FOTO POR: ERIC RAMASSOTTI (@SOECRIA)





# QUEM É JEFF?

ENTREVISTA POR: **FELIPE VENTURA**

**JEFFERSON DA SILVA ZACARIAS, 32 ANOS, É B-BOY, PRODUTOR CULTURAL E DIRETOR DE ARTE. APAIXONADO PELA CULTURA HIP-HOP, ELE DEDICA SUA TRAJETÓRIA A CRIAR, FORTALECER E REPRESENTAR ESSA CENA POR MEIO DA DANÇA, DE PROJETOS CULTURAIS, DE OFICINAS E DO SEU TRABALHO COMO DESIGNER GRÁFICO. JEFF SE DEFINE COMO UM AMANTE DO HIP-HOP EM TODAS AS FORMAS, ALGUÉM QUE TRANSFORMA SUA PAIXÃO EM EXPRESSÃO ARTÍSTICA E EM IMPACTO CULTURAL.**

## 1 COMO VOCÊ COSTUMA SE APRESENTAR QUANDO PERGUTAM "QUEM É VOCÊ?"

"Acho que nas bios de todo lugar eu coloco assim: sou um amante da cultura hip hop. Acho que isso é um bom contexto. Porque tudo que eu faço, mesmo que não seja literalmente hip-hop, é voltado para hip- hop. Eu faço design voltado para hip-hop, faço fotografia voltado para hip-hop. Então, acho que é isso, eu sou um amante da cultura hip hop."

## 2 ONDE VOCÊ CRESCEU E COMO ERA ESSE LUGAR?

"Sou nascido de Osasco, mas sou criado em Carapicuíba a vida toda, e moro até hoje aqui. Fui criado na Cohab, um dos maiores bairros que tem aqui na cidade, lá na parte dos prédios. Então, eu sou um moleque de ficar na rua. Na Cohab sempre teve muito projeto social, então é disso que eu parto. Eu conheço a arte, conheço cultura, conheço tudo isso através dos projetos que tinham na Cohab."

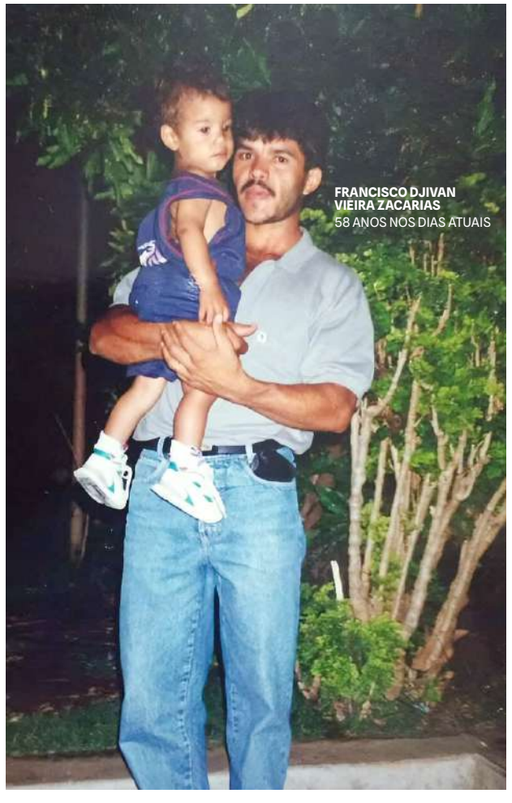
## 3 QUE LEMBRANÇA DA INFÂNCIA VEM À CABEÇA PRIMEIRO QUANDO PENSA EM "FELICIDADE"?

"Eu sou muito família, e tenho um carinho especial por uma lembrança engraçada. Meu pai sempre que chegava do trabalho descascava uma mexerica ou uma laranja para eu e ele dividir, o pedacinho menor era pra mim e o maior era pra ele. Era algo que eu ficava esperando. Tanto que eu quis aprender a descascar laranja, só para poder fazer esse ritual. Essa é a lembrança que eu tenho de muita felicidade."

## 4 QUE CHEIROS, SONS OU LUGARES DA INFÂNCIA AINDA TE DÃO SENSAÇÃO DE CASA?

"O cheiro que mais me lembra da infância é de laranja, e o som é Fagner, meu pai é do Ceará e tem muita referência de músicas de forró, e eu lembro muito da minha mãe limpando a casa ouvindo calypso. Se eu ouço Calypso, lembra muito de casa."

## 5 O QUE VOCÊ COMEÇOU A PERCEBER SOBRE QUEM ERA OU QUERIA SER NA ADOLESCÊNCIA?



FRANCISCO DJIVAN VIEIRA ZACARIAS
58 ANOS NOS DIAS ATUAIS

"Eu acho que demorei muito para definir um curso, para definir, não necessariamente uma carreira, mas para onde que eu ia. Eu era uma criança muito curiosa, eu gostava de desenhar e tudo mais, mas acho que eu nunca pensei muito para frente. Eu acho que até hoje eu penso no ano que vem, daqui dois anos, mas eu não penso 10 anos para frente. Eu acho que eu sempre pensei muito naquele momento. E mesmo que eu pensasse em algumas coisas, acho que o hip hop, quando ele apareceu, ele chegou e se tornou o objetivo, eu nem fazia ideia de que ele existia ,mas quando ele apareceu, ele foi tão impactante, que fazer parte disso se tornou um objetivo, mas não era uma coisa que eu tinha pensado antes. Meio que surgiu."

JEFF NO COLO DE FRANCISCO, SEU PAI

(ACERVO PESSOAL)





## 6 TEVE ALGUMA VIRADA DE CHAVE DURANTE O PROCESSO?

"Conhecer o hip-hop foi uma virada de chave, eu não tinha objetivos tão a longo prazo. Aí o hip-hop aparece e ele já é o meu longo prazo. Então a partir daí é só hip-hop."

## 7 VOCÊ ESCOLHEU O SEU CAMINHO OU ELE TE ESCOLHEU?

"Acho que ele me escolheu antes de ver o hip-hop, eu nem sabia que ele existia. Quando eu tinha 14 anos eu comecei em um projeto de dança, mas ainda não é hip-hop é jazz. Mas vendo uma galera nos festivais fazendo uns movimentos eu pensava, isso é legal. E eu começo a fazer aquilo, meio sem nem saber o que é, sem saber que é break."



JEFF DANÇANDO BREAK EM UM FESTIVAL, 2014

(ACERVO PESSOAL)

## 8 EXISTE ALGO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE O MUNDO ENTENDESSE MELHOR SOBRE QUEM VOCÊ É?

"Eu acho que para entender melhor o Jeff, tem que entender parte do que eu faço, parte do meu propósito é ficar feliz. Tipo, é me sentir bem nas paradas. Então, às vezes, eu não faço tudo o que tem que fazer. Então acho que para Então, entender que eu faço é para gerar um conforto em algum momento. Se não somente para mim, para os demais que estão próximos de mim."

# 9 COMO VOCÊ GOSTARIA DE SER LEMBRADO?

“Eu não quero estátuas nem meu nome em placa, não é isso que procuro. O que eu quero é não ser apagado do que a gente construiu: ser lembrado como quem se esforçou até o fim. Para mim, sucesso não é um ponto final; é continuar fazendo. Se eu seguir fazendo o que faço até o meu último dia, já me sinto vitorioso mesmo que não tenha entregue algo grandioso, ter tentado e persistido é o meu sucesso. Quero ser lembrado como o cara que tentou pra caramba.”







4ª SEMANA DO HIP HOP DE CARAPICUÍBA, 2024

FOTO: ERIC RAMASSOTTI

FRANCISCO E JEFFERSON
NO CEARÁ, 2009

(ACERVO PESSOAL)



ESCANEIE O QR CODE E
ESCUTE A ORALIDADE DE JEFF

Cara, é muito maluco de pensar. Eu sou de São Paulo. Pensando em Brasil, é o berço do hip hop, do Brasil e tudo mais. E eu fui literalmente entender o que era hip hop no Ceará. Tipo, eu saí do estado que eu estava, que é onde eu moro, onde eu vivi a vida toda, e eu acabei entendendo que era hip hop em outro estado.

Meu pai é cearense, nascido, criado, né, veio para São Paulo com os seus 20 e poucos anos, tudo mais. E a gente tenta de tempo em tempo voltar lá no Ceará, encontrar os parentes, os avós, tios e tudo mais. Eu já sabia de dança, já entendia um pouco sobre isso, mas eu não fazia a menor ideia que hip hop era uma possibilidade.

Vou pro Ceará, acho que eu tinha uns 15 anos, mais ou menos, 16 anos, tal. Vou pro vou pro Ceará, chegando no Ceará, época de festa, aquela coisinha assim, todo mundo brincando, tal, e umas músicas da moda, que não tem a ver com o hip hop. Música da moda, brega, forró e tudo mais e tal, mas num dia lá, em específico, tava rolando um evento e começou a tocar, tipo, Chris Brown, que é o conceito que nós temos de início sobre o lance do hip hop e tudo mais.

Tocando Chris Brown e coisa e eu sei dançar, aquela coisa. O cara de São Paulo, em outra cidade, não sei o quê. Começo a dançar e aí um cara que tava lá, me vê dançando, assim que eu saio da roda ali de dança, o cara entra e faz movimentos parecidos com o que eu faço. Eu falo assim: 'Caraca, que da hora, ele dança o que eu danço', que na minha cabeça ainda era Jazz. Ainda era uma ideia de Jazz. E aí ele entra, faz a session dele ali, faz a dança dele, eu entro na sequência também, a gente fica meio que brincando, tal, todo mundo curte, é um negócio que tipo, meu, é uma experiência que eu guardo com no meu coração, assim, tudo mais.

Aí, ele vai lá no final, assim, a gente dançou duas, três vezes ali e tal, e cansa, né, obviamente. Aí ele chega pra mim pra comentar e fala assim: 'E aí, B-boy, da hora'. Eu falei assim: 'B-boy?' Aí já me dá até um tipo, caramba, por que B-boy? Aí eu falei assim: 'Não, eu danço street', né? Eu tava falando assim e ele: 'Não, mano, o que você dança é breaking'. Aí eu falei: 'Como assim?'. Tipo, não fazia a menor ideia.

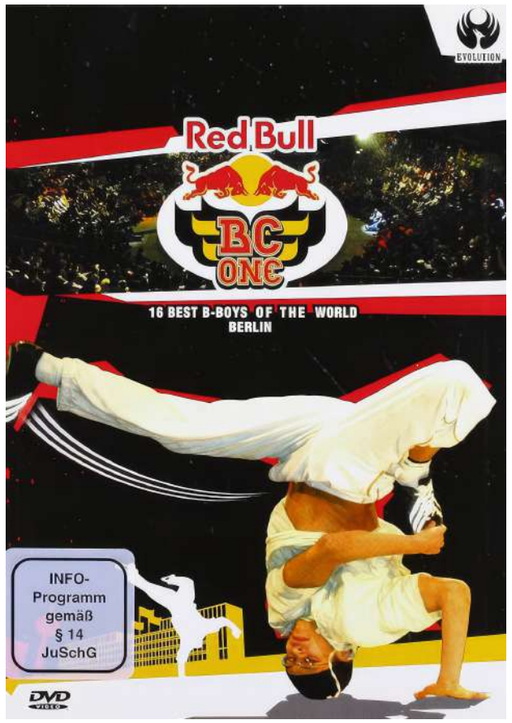
Daí meio que ali na hora mesmo a gente troca uma ideia, ele fala que também é de São Paulo, eu sou de São Paulo, tipo assim, a gente começa a trocar uma ideia. E aí, ele fala assim: 'Mano, vamos treinar. Vamos, você tá de boa aí?', falei: 'Mano, tô de boa'. No outro dia de manhã, cara, acho que é o start para o que eu curto hoje de de hip hop e tudo mais. Ele sentou comigo, tá ligado? Tipo, mano, um cara que ele nunca viu na vida, que ele encontrou num rolê, num outro estado, que é dos parente dele, ele não é de lá, ele é de São Paulo também. Todo esse processo, mano, e ele sentou comigo lá e começou, tá ligado? Tipo assim, ó, mano, hip hop é assim, o breaking é isso, a São Bento, sabe? Nelson Triunfo, falando essa parada não sei que lá, a crew dele, que é a Most crew, que existe até hoje, tudo mais, a galera. Tipo, falando tudo essa parada assim, eu falo assim, caraca, mano, eu fazia uma parada que eu não fazia ideia da grandiosidade por trás do que eu fazia, sabe? Eu só achava que era um movimento diferente, macaquinho, sabe? Fazer umas paradas assim.

E aí, mano, ele treina comigo, tal e começa assim; 'Ó, eu vi que você fez esse movimento aqui, mas você fizer assim, você pode se machucar', sabe? Me ensinar a maneira correta até de fazer as paradas, mano. E aí, tipo, é isso que dá o meu start no hip hop nessa cultura. Já tinha proximidade, mas eu não fazia a menor ideia que isso literalmente existia, sabe?

E eu lembro que inclusive, naquele dia lá e tudo mais, a gente foi andar pela cidade com os meus primos, aí tinha aquela loja de DVD pirata, né? Que é o normal do normal. Lojas de DVD pirata, a gente vendo lá os DVD para poder comprar e coisas do tipo. E aí, no Ceará, eu acho um DVD que é da Red Bull BC One de 2005, a Red Bull mais famosa da história.

Essa parte que eu tô falando, isso aconteceu em 2010 então já era muito tempo depois. E é muito doido porque esse DVD específico do Red Bull BC One 2005, quando eles trouxeram para o Brasil, por questões autorais, tudo mais, o áudio das batalhas foram trocados. Então, o cara vai lá, dança, é o vídeo original, mas o áudio é do Furacão 2000. Tipo assim, mano, é outra parada completamente diferente, oposta, mano. Eu lembro que a gente ia lá nos lugares poder tipo jogar videogame pagando a hora, sabe?

Coisas do tipo, e aí, mano, eu ponho esse DVD pra gente poder ouvir e ver as batalhas, eu falo assim: 'Caraca, mano, é isso que eu faço, mano. Essa parada aqui é absurda', sabe?




CD RED BULL BC ONE, 2005

FOTO: SITE AMAZON

As batalhas tipo dos caras famosos e inclusive nesse de 2005, é onde tem o B-boy Pelezinho, que é o primeiro B-boy brasileiro a ir para o mundial da Red Bull. Saca? E tipo assim, mano, eu volto para São Paulo fissurado assim, mano, é isso aqui é o que eu quero fazer, isso aqui é incrível, começa a pesquisar, DVD guardado lá, assisti, a gente consumia o DVD porque naquela época não tinha tanto, YouTube, coisa do tipo. Então consumia pra caramba essa parada.

E por incrível que pareça, talvez, mesmo que eu não conhecesse o hip hop nesse momento exato, em 2010 é a primeira vez que a gente tem um campeão mundial também brasileiro, que é o Neguin. Entendeu? Tipo assim, o primeiro, o ano que eu conheço a parada, em outro estado, tá ligado? Eu volto pro meu estado com o DVD, o Pelezinho, que é de São Paulo, que foi o primeiro a participar do mundial, mas não ganhou. Nesse mesmo ano, um B-boy brasileiro é o campeão mundial, tá ligado? Então, tipo assim, mano, é como se o hip hop me mostrou tanta coisa em tão pouco tempo, tá ligado? De eu entender que aquilo existia, que aquilo era aquilo, até eu voltar pra casa e tudo esses acontecimentos e tudo mais, eu começar a ir nos eventos que tem a ver com o breaking, e eu começar a ver essa parada, eu começar a ver a imensidão que isso é, tá ligado?





Então, tipo assim, acho que eu tentei trazer essa história porque eu acho que isso, é, sem dúvida, se não existisse isso, eu não seria o hip hop que eu sou hoje. E, como a gente conversou, eu não escolhi nada. As coisas foram acontecendo, e aí parece que tipo assim, olha como é que tudo isso aconteceu no mesmo ano. Então, tipo assim, ia ser isso, sabe? Tipo assim, foi feito dessa maneira para ser assim, entendeu? E aí depois disso, literalmente, cara, é só hip hop, por tudo e 2010 eu acho que pra mim é uma virada de chave, porque do momento que eu falo, que eu entendo que isso é hip hop, todos os acontecimentos na sequência daquele ano me fazem ficar mais próximos disso e não querer, parar de maneira alguma. Acho que essa é essa é a história que eu quis trazer, é o início desse processo.

JEFF PARTICIPANDO DO FESTIVAL "HIP HOP PARA TODOS" EM SUA PRIMEIRA COMPETIÇÃO EM CARAPICUÍBA

(ACERVO PESSOAL)



# JENNIFER MENDES DOS SANTOS



FOTO POR: JULIA DE SOUSA (@SOU_JPEG)

# QUEM É JENNIFER?

ENTREVISTA POR: **FELIPE VENTURA**

**JENNIFER MENDES DOS SANTOS, 27 ANOS, É JORNALISTA, POETA E MORADORA DE CARAPICUÍBA. CRESCIDA NO ARISTON, ENCONTROU NA ESCRITA SEU PRINCIPAL MEIO DE EXPRESSÃO DESDE A ADOLESCÊNCIA. ATUA PROFISSIONALMENTE COM MARKETING DIGITAL E, PARALELAMENTE, COLABORA EM INICIATIVAS CULTURAIS DO HIP HOP CARAPICUÍBA, FORTALECENDO A ARTE PERIFÉRICA DA CIDADE.**

## 1 COMO VOCÊ COSTUMA SE APRESENTAR QUANDO PERGUTAM "QUEM É VOCÊ?"

"Eu sou a Jennifer tenho 27 anos, sou moradora de Carapicuíba, nascida no Ariston, cresci e nasci, por aqui. Sou jornalista, eu trabalho com marketing de conteúdo. Além disso sou uma grande apaixonada por cultura urbana, principalmente por ser da onde eu sou, acho que Carapicuiba é um berço de artistas e tem muita coisa aqui para conhecer. E aqui foi onde tive o primeiro contato com o hip-hop e eu falei: Cara, eu realmente amo isso."

## 2 ONDE VOCÊ CRESCEU E COMO ERA ESSE LUGAR?

"Eu cresci em uma rua cheia de crianças, então foi um lugar onde pude crescer, me desenvolver e fazer amizades. Fui criada pela minha avó então grande parte da da minha infância ou era estar na rua ou era estar viajando com minha avó. onde eu morava ficava entre duas vielas, o que tornava um lugar muito perigoso, mas como as crianças ficavam nas rua o tempo todo então eu acabava ficando na rua por muito tempo, e era

FOTO POR: **JULIA DE SOUSA** (@SOU_JPEG)

muito legal. Na rua da casa da  minha avó pra mim era o meu lugar, onde eu estava segura, porque quando eu mudei na 5 série para uma escola particular, comecei a sofrer muito bullying por conta do racismo, e quando eu saia de lá e ia pra rua eu podia encontrar com meus amigos da rua onde eu cresci. Eu me curava.”

## 3 QUE LEMBRANÇA DA INFÂNCIA VEM À CABEÇA PRIMEIRO QUANDO PENSA EM “FELICIDADE”?

“Na minha avó. Fui a criança criada por vó, então sempre fui muito mimada, sempre tive o que eu queria e quando queira, não que a gente tivesse questão financeira, mas o colo da minha avó é tudo. Foi com ela que conheci São Paulo, fiz tudo com a minha avó pela primeira vez. Eu perdi ela já faz seis anos, então quando penso em felicidade na infância com certeza tem o cheiro dela.”

## 4 QUE TIPO DE CRIANÇA VOCÊ ERA?

“Eu era curiosa, arteira, rueira, eu acordava já ia para a rua e ficava o dia inteiro brincando, eu era essa criança, muito feliz. Eu falo pro Jeff que, quando eu olho para trás, sinto falta de ser a criança que eu era, porque eu era muito espoleta, não tinha timidez, hoje me sinto uma pessoa tímida e muito fechada.”

## 5 QUE CHEIROS, SONS OU LUGARES DA INFÂNCIA AINDA TE DÃO SENSAÇÃO DE CASA?

“Alho e cigarro. Minha avó, ela cozinhava muito e fumava, então o cheiro de alho e cigarro era muito presente na minha vida. E quando ela fumava eu pegava um plástico e pedia para ela furar, e eu amava ficar lá com ela enquanto ela tava fumando, ela furando o plástico para mim.”





## 6 O QUE VOCÊ COMEÇOU A PERCEBER SOBRE QUEM ERA OU QUERIA SER NA ADOLESCÊNCIA?

“Eu desde criança queria ser escritora, comecei a escrever poemas quando eu tinha 14 anos, lembro que pegava um caderno e tinha a pira de escrever até acabar. Eu descobri naquela época e trouxe até a fase adulta, porque quando eu escolhi minha profissão foi muito a partir desse lugar, eu realmente amo escrever, eu quero trabalhar com isso, quero contar histórias de pessoas. Hoje em dia eu não trabalho diretamente contando a história das pessoas, mas eu tenho a oportunidade de fazer isso com a cultura, com o Hip Hop. Então, é uma coisa que eu descobri naquela época e eu sou apaixonada até hoje.”

## 7 TEVE ALGUMA VIRADA DE CHAVE DURANTE O PROCESSO?

“Sim, teve uma virada clara. Eu tinha uns 14 anos quando entrei num relacionamento bem tóxico que me foi minando aos poucos. A pessoa me colocava pra baixo de várias formas e, com o tempo, isso me fez repensar como eu me via. Percebi que eu não era aquilo que ele dizia; eu era muito mais do que aquilo. A escrita foi uma grande saída nesse processo, me ajudou a colocar as coisas no lugar e a resgatar minha voz. Aos poucos comecei a abraçar minha autenticidade e hoje me sinto mais firme em quem sou.”

JENNIFER COM DONA NAIR, SUA AVÓ

(ACERVO PESSOAL)



**NAIR CALDEIRA**
FALECEU AOS 68 ANOS

## 8 VOCÊ ESCOLHEU O SEU CAMINHO OU ELE TE ESCOLHEU?

“Ele me escolheu com certeza. Sempre escrevi, era a forma que eu encontrava de processar sentimentos, de lidar com alguns traumas da infância, quase como uma cura mesmo. A escrita simplesmente aconteceu na minha vida, de um jeito natural, sem eu planejar. Na adolescência esse contato ficou mais forte, e no ensino médio eu percebi que minhas matérias preferidas eram sempre as de humanas, era onde eu me destacava sem esforço. Lembro até hoje de um momento muito específico: escrevi uma crônica sobre feminismo, bem militante de adolescente mesmo, e a minha professora leu o texto para a sala inteira. Ali eu pensei: cara, talvez eu seja realmente boa nisso. E desde então, fiquei. A escrita me escolheu, e eu só aceitei seguir com ela.”

LANÇAMENTO DO LIVRO “A VOZ DAS RUAS”, NA LUMIART

FOTO: JULIA DE SOUSA







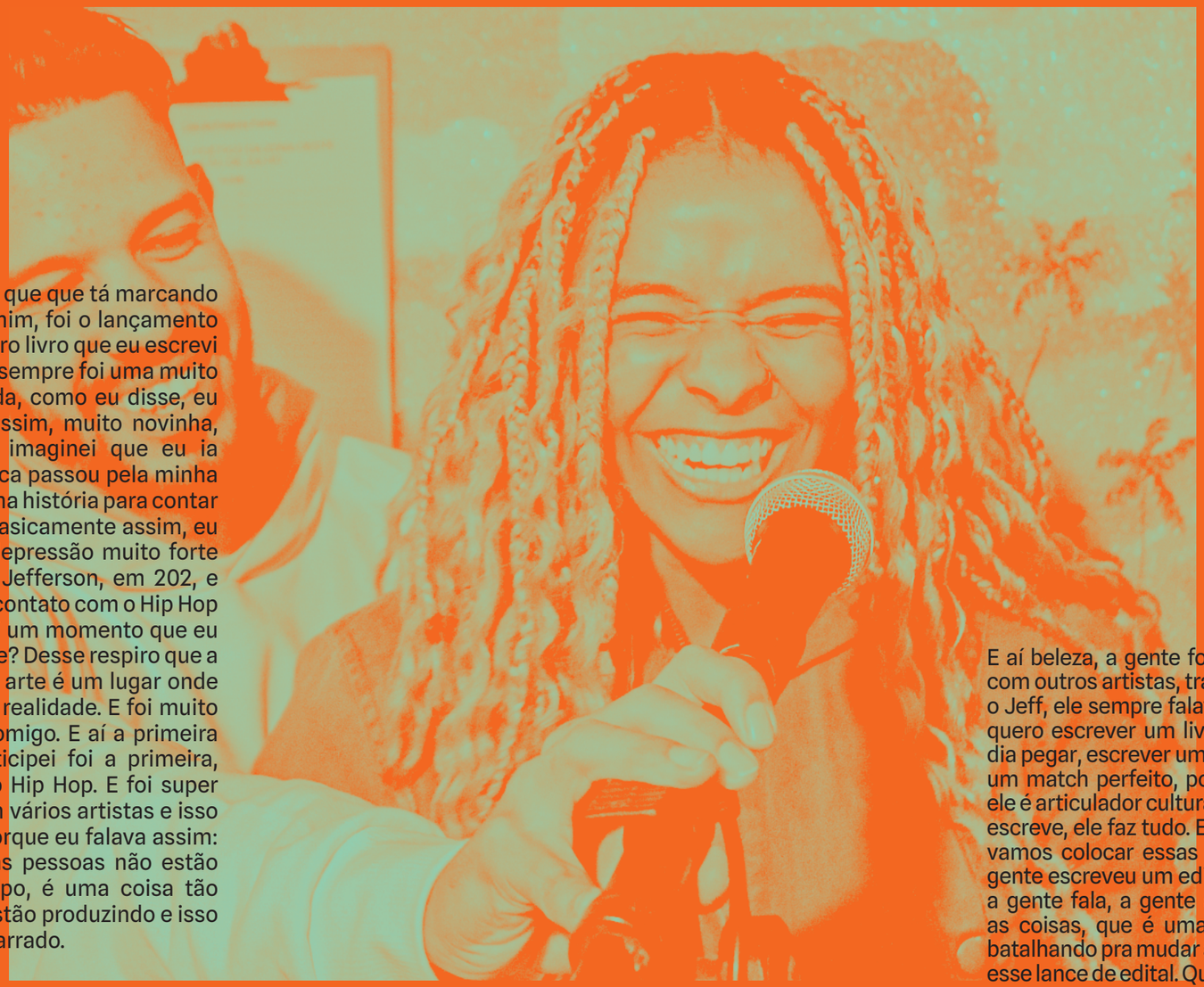

## 9 EXISTE ALGO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE O MUNDO ENTENDESSE MELHOR SOBRE QUEM VOCÊ É?

“Às vezes eu queria que as pessoas entendessem que eu tenho ansiedade social. Eu posso estar em um lugar que eu realmente quero estar, mesmo assim, eu travo. Não é falta de vontade, nem antipatia, nem que eu seja fechada. Muitas vezes é só medo mesmo: medo de falar, de me expressar, de ser rejeitada. Com o tempo e com terapia, entendi que isso também vem de um lugar maior, de experiências que carrego como uma mulher negra. O medo da rejeição ainda me impede de fazer algumas coisas, mas é algo que estou trabalhando para melhorar. Queria que as pessoas soubessem que não é falta de apreço  é porque realmente tem outras coisas que me prendem ainda, que eu tô trabalhando para melhorar.”

## 10 COMO VOCÊ GOSTARIA DE SER LEMBRADA?

“Eu gostaria de ser lembrada pelas coisas que eu faço junto com a comunidade, pelas iniciativas que eu ajudei a construir. Porque isso, de verdade, é muito importante pra mim. Agora que eu tô fazendo uma pós que fala muito sobre descolonização, eu comecei a entender melhor como tudo que a gente vive no Brasil vem dessa colonização exploratória, que matou muita gente e criou todo esse racismo estrutural que a gente encara até hoje. Então, quando a gente se junta pra fazer arte, pra criar coisas nossas, isso é muito poderoso, sabe? É fugir desse sistema que empurram na nossa goela o tempo todo, onde tudo é consumo, tudo é imagem. E a gente ali, resistindo, criando, vivendo outra lógica. Isso tem um impacto social gigante, às vezes a gente nem percebe, mas tem. Então eu quero ser lembrada por fazer parte disso. Por estar ali somando, construindo, fazendo acontecer de um jeito que realmente muda alguma coisa.”

FOTO: JULIA DE SOUSA



ESCANEIE O QR CODE
E ESCUTE A ORALIDADE
DE JENNIFER

Acho que uma história que que tá marcando muito esse ano para mim, foi o lançamento do livro. Que é o primeiro livro que eu escrevi na vida e a escrita, ela sempre foi uma muito presente na minha vida, como eu disse, eu comecei a escrever assim, muito novinha, com 14 anos, nunca imaginei que eu ia escrever um livro, nunca passou pela minha cabeça que eu ia ter uma história para contar dessa forma. E aí foi basicamente assim, eu tava num estado de depressão muito forte quando eu conheci o Jefferson, em 202, e que eu tive o primeiro contato com o Hip Hop Carapicuíba. Então, foi um momento que eu precisava mesmo, sabe? Desse respiro que a arte dá. Eu acho que a arte é um lugar onde você respira a vida da realidade. E foi muito isso que aconteceu comigo. E aí a primeira iniciativa que eu participei foi a primeira, a segunda semana do Hip Hop. E foi super legal, tive contato com vários artistas e isso sempre me pegava, porque eu falava assim: 'Cara, como que essas pessoas não estão conhecidas', sabe? Tipo, é uma coisa tão grande que que elas estão produzindo e isso não é contado, não é narrado.

E aí, conforme os anos foram passando, a gente foi fazendo mais iniciativas aqui pela cidade. Teve a segunda, a terceira semana do hip hop que a gente passou por vários cantos  da cidade, e um desses cantos foi a escola Lumiart, que foi onde eu, tive mais proximidade com a Déia e com o Del, que me acolheram. A Déia é minha mãe da arte, eu falo isso para todo mundo, porque ela me acolheu mesmo e é onde eu mais me sinto segura quando eu falo de rolê cultural, é aqui na Lumiart.

E aí beleza, a gente foi tendo esses contatos com outros artistas, transitando pela cidade. E o Jeff, ele sempre falava para mim: 'Mano, eu quero escrever um livro. A gente precisa um dia pegar, escrever um livro'. E parece que deu um match perfeito, porque eu sou jornalista, ele é articulador cultural, porque ele dança, ele escreve, ele faz tudo. E aí a gente falou, mano, vamos colocar essas ideias no papel, e aí a gente escreveu um edital. Também aquilo que a gente fala, a gente aprende muito sozinha as coisas, que é uma coisa que a gente tá batalhando pra mudar aqui na cidade, que tipo, esse lance de edital. Quantos artistas que você conhece que que manja que você consegue pegar recurso público para fazer sua arte? Poucas pessoas têm, de fato, noção de como funciona esse processo. Por mais que a pessoa às vezes saiba disso, ela fala assim: 'Tá, é muito difícil fazer isso. Como que eu vou colocar essas ideias no papel?'. E aí a gente falou: 'Não, a gente vai colocar as nossas ideias no papel e vai tentar fazer'. Porque a gente já fazia sem a grana, então a gente falou assim: 'Tá, se a grana vir, vai ser muito bom. Se a grana não vir, a gente vai fazer do mesmo jeito, porque todas as semanas do hip hop que a gente fez, por exemplo, foi sem financiamento. Todos os eventos que a gente fez do Quintal Hip Hop, né, que a gente começou a fazer 2020 até 2024, foi tudo sozinho, independente. Então, tipo, tá, vamos tentar esse edital. Se bater, bateu, se não bater, não bateu.

E deu certo. Então, foi quando a gente começou a estruturar a ideia, assim. O Jeff, como ele já tinha muito contato com o hip hop, ele conhecia muito os artistas que estavam dispostos a falar. Então, eu meio que fiquei na responsa de organizar o que ia ser escrito e ele de fazer o contato com a galera. E aí nisso a gente pegou e fez um roteirinho bem bonito, que a ideia era justamente apresentar esses artistas, e eu até o nome do livro é 'A Voz das Ruas', mas eu fiquei muito relutante de falar, tipo, ah, a gente vai falar que estamos dando voz... porque eu acho que não é dar voz, é valorizar, sabe? Porque a voz é do artista. Tudo o que o artista produz é dele, mas assim, a gente precisa dar um espaço para esse artista. Então, esse foi o intuito do livro. Foi de fato documentar a trajetória desses artistas, que foram 10 artistas, não vou citar todo mundo porque às vezes eu esqueço o nome aí, mas quem ler o livro vai saber quem é.

E a gente pegou e falou, tá, a gente vai falar sobre a trajetória deles, vai falar sobre a história do hip hop em Carapicuíba, mas a gente quer focar nos desafios, sabe? Porque é uma coisa que eu acho muito bonita que tem os artistas daqui da nossa cidade fazem, é tirar água de pedra. É você não ter e você fazer acontecer. Tipo essa escola mesmo que a gente tá aqui dentro, eu sei o quanto a Déia e o Del batalham pra manter esse espaço, que é um espaço muito importante. Porque eu cresci no Ariston, mas não tinha esse espaço.





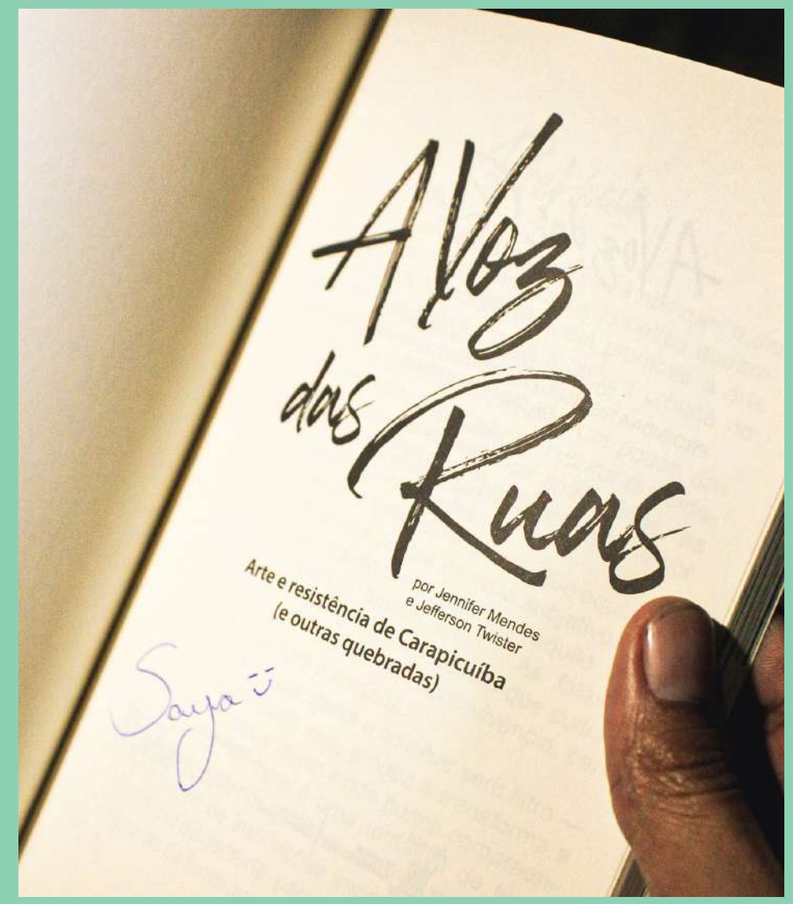



FOTO: JULIA DE SOUSA

Então, tipo, a gente ficava na rua o dia inteiro, a gente não tinha um lugar para aprender a desenhar, para aprender que é, além do que a escola dá, sabe? Porque a escola, por mais que tenha ainda algumas matérias relacionadas, ela não ensina você, não dá valor para aquilo, que é tipo, mais artístico, mais humano.

O intuito do livro era justamente isso, sabe? Mostrar o valor dessas pessoas que tão fazendo acontecer mesmo na escassez, mesmo não sendo incentivada para isso, porque não tem incentivo de nenhum dos lados. Nem entre a gente às vezes, nem entre os artistas. A gente percebe, produzindo cultura, que a gente precisa se organizar muito ainda, sabe? Então, foi o intuito de começar e aí no processo de entrevistas, a gente ficou encantado, porque tinha tantas pérolas saindo desses artistas, sabe? Tantas coisas que te motivam a continuar, sabe?

A pessoa contando que, tipo, o Sen e o Mike Maya contando que quando eles começaram, mano, era no MPC que fala, eu acho, para fazer a gravação e era um, tipo, uma máquina gigantesca e os caras tiveram que pegar lá em São Paulo, trazer para Carapicuíba no trenzão e eles fizeram acontecer, estão fazendo até hoje, sabe? Ainda vivem da arte. E aí também teve outras narrativas que foram super profundas. Uma delas foi da Vic, que ela comentou, né, que ela até se emocionou de falar que é muito difícil fazer arte num lugar desestimulante, que você precisa sobreviver. A gente mora numa cidade dormitório, então a gente precisa, normalmente, a maioria dos casos, não é 100%, mas grande parte da população daqui precisa sair daqui para ganhar o sustento.

Então, como que nesse meio tempo, entre transporte público, o trabalho, você arranja um tempo para fazer sua arte? É muito difícil. Então, por isso que dá mais valor ainda essa parada. E foi esse o intuito assim do livro. A gente fez um lançamento aqui no Sarau também e foi muito gratificante, veio gente pra caramba, assim, a nossa família.





# “EU DE FATO CONSEGUI COLOCAR UMA HISTÓRIA NUM PAPEL MUITO GRANDE

E eu falei: ‘Cara, eu de fato consegui colocar uma história num papel muito grande, muito, muito valorosa pra mim’, assim, como ser humano, não tô nem dando apreço a minha arte, o que eu escrevi, mas as outras pessoas, sabe, poder contar essas histórias e foi uma responsa, foi uma responsa gigantesca, porque eu falei: ‘Cara, como que eu vou colocar falas de pessoas escritas num papel?’. Olha essa responsabilidade, contar a vida dessas pessoas, porque a arte é a vida dessas pessoas, elas vivem disso. E aí, o Jeff falava assim: ‘Não, você consegue. Você consegue’. E eu falava: ‘Não, eu não consigo, eu não consigo’.

E foi muito difícil, assim, é esse processo de da escrita mesmo, de pegar e sentar a bunda no computador e entender, tá, vou organizar essas falas para ter uma linearidade, para ter uma narrativa. Para fazer sentido. E aí mesclar com dados também, porque a gente tentou trazer dados, que foi o que eu falei no começo do nosso papo, que vocês estão fazendo aqui é muito importante essa documentação, porque não tem, mano. E a gente falou: ‘Cara, onde a gente vai buscar fonte para justificar alguns dados que a gente tá trazendo aqui, se não tem?’. Porque às vezes, eu como jornalista, não consigo trabalhar sem fontes, sabe? Eu preciso dos dados, eu preciso da verdade ali. Então, como que eu vou atestar que é a verdade? Foi muito difícil. E aí a gente pensou que o livro agora também talvez sirva como um caminho, sabe? Que tem até uma frase que eu gosto muito da Conceição Evaristo, que é uma escritora que eu admiro pra caramba, que ela fala que ‘O importante não é você ser o primeiro, você ser a primeira, o importante é abrir caminhos’. Porque é isso. Eu acho que a arte é muito isso, sabe? Você abrir espaço para outras pessoas fazerem a arte também, você inspirar através da sua arte.

Eu tenho muito isso com música, né? Eu consumo muito. E hoje, por exemplo, a gente tem um monte de mina fazendo rap. Para mim, isso, tipo, me dá uma motivação de falar, caralho, eu quero continuar, porque eu quero ver meninas da minha quebrada mandando essa também lá em cima do palco, sabe? Estar em cima de um palco de um festival gigante. E a arte traz isso, é a transformação social, uma ferramenta de transformação social. E aí poder contribuir com isso através do livro, através da literatura que sempre esteve muito presente na minha vida, mano, foi muito gratificante.

E eu acho que é uma história que eu eu gosto de contar. Tô contando ainda. acho que, como eu disse, é o primeiro de muitos, foi o primeiro que a gente lançou aí, mas a gente tem muitas coisas guardadas para contar, muitas pessoas para entrevistar que a gente quer, porque igual eu disse, é um berço cultural. É uma das das frases que abre o livro, 'Carapicuíba é um berço cultural'. Tem muita gente foda aqui dentro. E se a gente focasse nessas pessoas, mano, a gente podia criar uma comunidade muito forte, sabe? Mostrar pro mundo que tem aqui. Só que a gente sabe que não é tão fácil, né? Então, o que a gente puder fazer para contribuir e colaborar com isso, mano, nós vai estar fazendo, eu vou estar fazendo, mesmo cansada, na correria da sobrevivência, que é o que que mantém a gente em pé, né?





. Meninas Negras como eu

PENSO SOBRE COMO MENINAS NEGRAS COMO EU CRESCERAM
LEMBRO DA MINHA INFÂNCIA E DE COMO ERA DIFICIL ME ENCAIXAR
MAS, AINDA DAVA UM JEITO: BRINCAVA, SONHAVA, AGUENTAVA
NA RUA EU TAVA EM CASA, MEUS AMIGOS SE PARECIAM COMIGO E A GENTE APRONTAVA
NA ESCOLA, TUDO MUDAVA, EU TINHA MEDO ATÉ DE FALAR
SERÁ QUE ERA ISSO QUE OUTRAS MENINAS NEGRAS ENFRENTAVAM?



ESCANEIE O QR CODE PARA ESCUTAR O POEMA DE JENNIFER

# ANDRÉA GOMES ROMÃO



FOTO POR: JULIA DE SOUSA (@SOU_JPEG)

# QUEM É DÉIA?

ENTREVISTA POR: **GUILHERME AUGUSTO**

**ANDRÉA GOMES ROMÃO, CONHECIDA POR TODOS COMO DÉIA, É UMA DAS FORÇAS VIVAS DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO PERIFÉRICA DE CARAPICUÍBA. AOS 46 ANOS, ELA SE DEFINE PRIMEIRO COMO MÃE, DOS SEUS DOIS FILHOS E TAMBÉM DOS MUITOS JOVENS QUE ACOLHE NO DIA A DIA, E ENCONTRA NA EDUCAÇÃO SEU PROPÓSITO MAIS PROFUNDO. PROFESSORA DE REFORÇO E COORDENADORA DA ESCOLA LUMIART, DÉIA ATUA COMO REFERÊNCIA AFETIVA E PEDAGÓGICA, AJUDANDO CRIANÇAS E ADOLESCENTES A RECUPERAR A CONFIANÇA NOS ESTUDOS E A ENCONTRAR NOVOS CAMINHOS.**

## 1 COMO VOCÊ COSTUMA SE APRESENTAR QUANDO PERGUTAM "QUEM É VOCÊ?"

"Meu vulgo é Deia, e costumo dizer que, mesmo com as multifunções que tenho, tem uma que eu adoro, é a que me identifico mais, que é ser mãe. Acho que por ser a mais velha, eu me sinto a matriarca, a que acolhe, que pega no colo, que dá conselho, que brinca, e é assim que costumo ver. Eu acho que é uma função legal para mim."

## 2 ONDE VOCÊ CRESCEU E COMO ERA ESSE LUGAR?

"Eu cresci aqui em Carapicuíba mesmo, nasci em Bela vista, no centro de São Paulo, mas vim pra cá bem pequena, então cresci em Carapicuíba. O lugar teve um progresso gigantesco, na época que a gente veio para cá, se não todas, a maioria, das ruas eram de terra, onde você tinha que colocar um plástico nos pés para não chegar sujo de barro. E a lembrança que eu tenho era de uma cidadezinha pequena, onde era longe da violência e todo mundo brincava na rua. Foi assim que eu cresci."

FOTO POR: **JULIA DE SOUSA** (@SOU_JPEG)

FOTO BORRADA DE DÉIA COM SEU IRMÃO QUANDO CRINÇA (ACERVO PESSOAL)



## 3 QUE LEMBRANÇA DA INFÂNCIA VEM À CABEÇA PRIMEIRO QUANDO PENSA EM "FELICIDADE"?

"Acho que o ser criança, por pior que seja a infância, para a gente agora com adultos, a gente era feliz. Crescer numa Carapicuíba pequena, com ruas de terra que eram terreno de brincadeira, uma vida leve e vizinhança próxima."

## 4 TINHA ALGUÉM (OU ALGO) QUE TE INSPIRAVA QUANDO PEQUENA?

"Posso dizer que minha mãe. Mas uma pessoa que me inspira todos os dias a estar onde eu estou, fazendo o que eu faço, é o meu irmão. Eu fiz magistério, porque sempre quis ser professora, mas o diploma, na mão, primeiro de tudo, como professor, foi ele quem apresentou. Então ali eu me realizei, realizei o meu sonho nele, e até hoje eu me inspiro nele."

## 5 QUE CHEIROS, SONS OU LUGARES DA INFÂNCIA AINDA TE DÃO SENSAÇÃO DE CASA?

"É o cheiro do bife da minha avó, porque a gente tem uma história muito engraçada com a minha avó. Minha avó teve três filhos. Desses três filhos, duas meninas e um menino, que é meu pai, e eu e o Del fomos os únicos que não tivemos aquele contato de vó mesmo, de cuidar, de estar perto, porque umas das minhas tinha teve problema com álcool e minha avó ficou responsável pelas filhas dela. Quando a gente chegava na minha, ela fazia o bife, e o cheiro do bife era uma coisa que tomava conta. O cheiro era magnífico. E eu consegui sentir esse cheiro depois de adulto na casa da minha tia, que também hoje já é falecida, filha dessa minha avó. E quando eu senti aquele cheiro, eu falei assim: 'Tia, você faz o bife da avó.', e ela: 'Bife da avó?' Tipo, nem sabia o que eu estava falando. E eu comi aquele bife e parecia que a minha avó estava presente."





DÉIA EM EVENTO DA LUMIART FOTO: JULIA DE SOUSA



## 6 O QUE VOCÊ COMEÇOU A PERCEBER SOBRE QUEM ERA OU QUERIA SER NA ADOLESCÊNCIA?

"Desde a época do prézinho eu prestava muita atenção em como a professora se portava, como ela carregava a bolsa e os materiais que ela levava. E em todas as minhas brincadeiras a escolinha estava presente, então eu lembro na época que tinha umas balas em formato de comprimido e eu comprava para simular que estava com dor de cabeça e tinha umas moedas de chocolate, era com aquilo que eu pagava o ônibus. Então eu acho que ser professora sempre foi muito presente, então, eu acho que, ser professora, foi uma coisa que sempre me pegou assim ali no cantinho."

## 7 TEVE ALGUMA VIRADA DE CHAVE?

"Acho que minha virada de chave veio aos poucos, não foi um momento só. Demorou pra eu chegar até aqui, pra me tornar professora. Antes disso teve muita reviravolta: ser mãe muito cedo, precisar deixar várias coisas de lado, a separação dos meus pais... e foi justamente nessa época que eu saí da escola e acabei ficando mais responsável pelo Del. Eu brinco que ele é meu primogênito, porque aprendi a ser mãe cuidando dele também. Foram muitas renúncias, muitos ajustes. Esse 'confortável' de hoje levou tempo. Teve fase de crise, de não saber o que eu tava fazendo. Teve uma época em que fui fazer gestão comercial e virei gerente de um café. E, por mais nada a ver que pareça, aquilo me ajudou muito: me fez melhorar minha convivência, meu jeito de lidar com as pessoas. Porque eu era bem fechada, difícil mesmo, tinha dificuldade de conversar, de me aproximar, de fazer amigos. Então, no fim das contas, essas curvas todas acabaram me moldando."

## 8 VOCÊ ESCOLHEU O SEU CAMINHO OU ELE TE ESCOLHEU?

"Acho que ele me escolheu. De verdade. Porque, como eu disse, tudo sempre foi muito vago pra mim, nada parecia muito definido. A única coisa que estava ali o tempo inteiro era essa vontade de ser professora, de ser educadora, de estar dentro de uma escola. Mas, com o tempo, eu fui percebendo que esse lugar que a gente tenta manter, mesmo com todas as dificuldades, foi quem me escolheu. As coisas foram acontecendo aos poucos, bem devagar, mas foram acontecendo. Então, no fim das contas, acho que foi o caminho que me encontrou."

## 9 EXISTE ALGO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE O MUNDO ENTENDESSE MELHOR SOBRE QUEM VOCÊ É?

“Hoje em dia eu já deixei um pouco de lado essa necessidade de provar quem eu sou. Eu sou a Déia. Quem quiser caminhar comigo, vai ser muito bem-vindo. Quem não quiser, tudo bem também; já gastei energia demais tentando agradar. Nem o maior de todos agradou todo mundo, não ia ser eu. Mas uma coisa que ainda me incomoda é o julgamento pelo estereótipo. Às vezes a pessoa olha pra minha roupa, minhas tatuagens, meu jeito de falar e já tira conclusão. Teve uma situação com uma vizinha, por exemplo: eu tava conversando sobre religião, falando que sou muito religiosa, do meu jeito, né? Rezar o terço, fazer minhas orações, acender vela, pedir proteção, e ela passou na rua chocada, perguntando ‘Nossa, mas você reza?’. Só porque não pareço com o que ela imagina que uma pessoa religiosa ‘deveria’ ser. Então é isso. Hoje eu não tô mais tentando convencer ninguém. Eu sei quem eu sou, e isso basta.”

## 10 COMO VOCÊ GOSTARIA DE SER LEMBRADA?

“Acho que eu gostaria de ser lembrada pelo meu sorriso. Porque eu sempre tento mostrar mais as minhas alegrias do que as minhas dores. Eu quase nunca demonstro quando não tô bem, é muito raro. E, quando alguém percebe, é porque eu tô muito mal mesmo. Já aconteceu de eu dar bom dia na rua e a pessoa me responder: ‘Bom dia por quê? Você não tem problema? Vive sempre rindo.’, e isso logo cedo, sabe? Eu só passei direto. Dias depois, a pessoa veio me pedir desculpa, e eu disse: ‘Não é que eu não tenha problemas. É que você não tem culpa deles. Então não faz sentido eu descontar nada em você’. Mas, apesar de tudo isso, eu não sou essa fortaleza que as pessoas acham. Eu sou fraca pra caramba, tenho medo de tudo, choro com frequência. Não sou essa Mulher-Maravilha que imaginam, porque até a Mulher-Maravilha, no fim do dia, tira a armadura e chora. Então, se eu puder escolher como ser lembrada... que seja pelo meu sorriso, não pela ideia de força que colocam em cima de mim.”





DÉIA EM EVENTO DA LUMIART

FOTO: JULIA DE SOUSA



ESCANEIE O QR CODE
E ESCUTE A ORALIDADE
DE DÉIA



Vou falar um pouquinho de como começou a Lumiart. No início, de tudo, a ideia era que a gente, vamos dar aula para adolescentes, jovens e adultos. Essa era a ideia principal. Tinha uma galera que sempre via o Del pintando, o Del grafitando, então vamos fazer isso. E eu te confesso que no primeiro instante eu achei que seria muito fácil. E cara, isso aqui vai arrebentar de gente, vai aparecer muita gente. E então vamos. E aí no primeiro momento, o que a gente conseguiu foi uma sala comercial. Era uma sala comercial, não era um ponto muito bom, ficava longe de ponto de ônibus, enfim, não tava num lugar muito legal. Porém, a gente conseguiu começar por lá. E nesse primeiro espaço, a gente ficou por um ano, só que aí era só uma sala, era uma sala de aula, onde havia já alguns alunos, que aí já não eram nem adultos e nem jovens, eram crianças, quem levantou esse interesse. E nós começamos a dar aula para essas crianças. Só que era um lugar muito pequeno, onde a gente conseguiu colocar 10 mesas com carteiras, tinha uma cadeira, uma mesa e carteira do professor e um bebedouro. Era o que nós tínhamos dentro da nossa sala e a lousa, lógico, né?

Só que aí era 1 hora e meia de aula só. Era um lugar que não tinha estacionamento, como eu te falei, era uma escada e aí você entrava na sala, aconteciam outras coisas nesse prédio comercial. E os pais precisavam esperar essas crianças para ir embora, porque estava longe de tudo. E a gente começou a se sentir incomodado. Poxa, a gente precisa arrumar um lugar para esses pais ficarem. Vai dali, vai daqui, conseguimos um espacinho lá, montamos meio que uma salinha de espera e esses pais ficavam lá esperando.

Quando acabou o primeiro ano, que deu aquele virar de chave, que a gente viu que era aquilo que a gente precisava, começou a preocupação de que a gente precisava de um espaço maior. E aí ligado com isso, veio a pandemia. Só que aí a gente conseguiu já a partir daquele primeiro ano, que foi 2019, a gente já conseguiu até enxergar algumas coisas e foi aí que aconteceu a primeira Expo Folclore. A gente pegou as crianças da escola, fizemos um aulão com eles falando sobre o folclore, que até foi um jeito também de não deixar morrer essa cultura, ainda mais sendo uma cultura brasileira. E a gente fez a nossa primeira Expo Folclore.

E a primeira Expo Folclore, ela foi feita, tipo, em menos de 15 dias, foi muito rápido. E ali a gente começou a falar: 'Meu, tá muito além do que a gente entrar numa sala e ensinar essas crianças a desenhar', e aí, não, 'A gente precisa manter viva essa cultura'. E aí a prefeitura já começou a dar uma olhadinha, um pessoal de lá e tal, ofereceram um lugar pra gente fazer a Expo Folclore, claro que vamos colocar o logo da prefeitura, mas enfim. E assim aconteceu a nossa primeira Expo Folclore.

No ano seguinte, quando a gente achou que,uau, vai ser agora, veio a pandemia. E aí nós tivemos que fechar o espaço. 'Hoje não vai haver aula por conta que, tá passando na televisão, então a gente não vai ter'. 'Olha, mais uma semana fechada'. 'Olha, mais uma semana fechada', que aí foi quando fechou tudo. Quando fechou tudo, a gente montou um grupo no WhatsApp com os alunos. E aí vai se passando o tempo, vai se passando o tempo. Hora ou outra ligava um pai, dizendo que não ia, né? 'Olha, a gente já tá dando uma satisfação, porque pode ser que a gente não vai conseguir dar continuidade, porque as coisas estão apertando, blá, blá, blá, blá, blá, blá'. E a gente via que o negócio tava desmoronando, tava desmoronando, desmoronando. Chegou agosto. Expo Folclore. O que que a gente vai fazer? A gente vai fazer virtual.

Pedi para que todos os alunos fizessem o desenho, mandassem vídeos, mandassem fotos. Aí fizemos uma montagem, blá, blá, blá, colocamos no Instagram para ser a nossa segunda Expo Folclore. E sempre buscando essa coisa de que a gente não podia deixar morrer coisas que faziam part- tipo, na escola você não aprende mais que o dia 22 de agosto comemora-se o Dia do folclore. Não existe mais isso. Tem muitos alunos que a gente falou, olha, a gente vai faze-, 'O que que é folclore, tia?'. Tipo, não sei. Até que chegou o ponto que a gente precisou entregar o espaço lá, porque como que a gente ia pagar o aluguel? O mundo tava parado. E aí nós fechamos, entregamos a chave, e agora?

Coincidência ou não, força do destino ou não, essa casa morava, alguém aqui, e quem fica responsável por essa casa são uma família muito amiga nossa. E ela não tava morando aqui, ela tava morando em Sorocaba. Aí ela me ligou e falou assim: 'Déia, a menina vai te entregar a chave, você pode cuidar da chave? Porque aí a gente vai colocar a casa pra alugar e quando as pessoas forem ver, você consegue abrir, mostrar?'. Eu falei: 'Sim', e já uma luzinha, falei: 'hum', aí corri e falei: 'Del, a casa tá para alugar'. Ele falou: 'Mano, só fala então que é nossa'.

Aí a gente pegou a casa, mas assim, a gente não tinha aluno, porque, o mundo tava voltando a funcionar. A gente ficou mais de um ano parado. E o mundo tava voltando a funcionar ali, como a gente vai fazer, como a gente vai fazer, como a gente vai fazer. Já sei, coincidência ou não, forças do destino, a gente passou num edital, que foi a primeira Aldir Blanc, que ela veio como um auxílio emergencial para artistas, porque foi um ano parado, né? E chegou essa lei de incentivo, a gente participou e a gente conseguiu o incentivo. E aí foi o que ajudou a gente a erguer a escola de novo.

E ali a partir daquele ano, foi uma coisa, assim, que a gente conseguiu montar o cursinho para vestibular, que é uma das coisas que a gente sonha, a gente idealiza muito voltar. Os alunos que participaram com a gente, se não todos, grande maioria conseguiu passar em alguma federal e aí eles ligavam e eles falavam: 'A gente passou e tal'. E época de Enem, a gente passava o sábado inteiro aqui com esses alunos estudando. E foi uma galera muito massa que participou assim, foram professores que, cara, cada dia que eles entravam era uma aula que eu tinha e eu falava: 'Mano, que orgulho desse time', sabe? Porque ninguém recebia nada para isso, tanto que o cursinho era totalmente gratuito, era só mesmo para incentivar a molecada a fazer o Enem, a entrar na universidade. Tipo, o lugar é seu e você vai estar lá. Então a gente se dedicava muito a essas aulas, e aí foi uma outra loucura, porque aí a gente montou o cursinho, cursinho seria para acontecer todos os dias à noite, que era um horário que ficaria tranquilo pro pessoal do ensino médio vir. E aí foi justamente quando deu aquela reviravolta no ensino e colocou o ensino de 9 anos e todas as escolas seriam integrais. Como que a gente vai dar aula à noite, se eles vão sair da escola às 9? E aí foi tudo por água abaixo e em uma semana a gente realocou tudo para o sábado. Então um dia eles vinham, um sábado eles vinham, eles estudavam humanas e outro sábado eles vinham e estudavam exatas. E aí a gente colocou também uma menina muito parceira, onde ela focava só na redação, eles tinham uma aula só de redação. Então foi assim, foi um período muito marcante, muito marcante. E assim, foi de degrauzinho em degrauzinho.

Aí dentro desse projeto veio a Kebradoteca, que a gente batizou como, que é Kebradoteca Sérgio Vaz. Ele veio até aqui na inauguração, foi muito legal, muito legal. De contrapartida, isso, quando a gente montou a Kebradoteca, nós colocamos geladeiras estratégicas pela cidade. Mas aí foi uma decepção gigantesca, porque começaram além de roubar os livros, roubaram as geladeiras. Então a gente ficou muito triste, aí onde eu falo que dá vontade de desistir de tudo, e aí vem o pessoal e incentiva, e se solidariza e você vê, caramba, é muito maior do que eu pensava.

E aí assim, com esse degrauzinho em degrauzinho, foi acontecendo outras situações e aí já não era mais uma sala de aula, já era um espaço maior, com mais de um professor. Veio a Kebradoteca, depois da Kebradoteca chegou o coletivo do Encontro Poético da ZO, que acontece aqui dentro da Lumiart também, que é a junção do Sarau Culto do Amendoim, Sarau Os Poetas e Escola Lumiart. A gente conheceu esse pessoal, nós só conhecíamos o idealizador do Sarau Culto do Amendoim, que era o Mi, e os meninos do Os Poetas, que é o Lucão e o Alquimista, nós não conhecíamos ainda.

E esses meninos vieram também até para mostrar esse lado que a gente não tinha muito acesso, que era o lado dos saraus, da poesia em si. Eu de início falei: 'Isso não vai dar certo nunca, porque quem tá interessado em em poesia?'. E foi uma coisa que foi crescendo gradativo, foi vindo coletivos de fora. E aí foi um ano que a gente participou de podcast, sabe, foi acontecendo e o negócio foi crescendo, crescendo, crescendo. Aí veio o pessoal do Hip-Hop Carapicuíba, e aí o negócio foi crescendo e a gente foi se tornando cada dia mais uma família, eu acho. Pessoas lutando pelos mesmos ideais, que é a arte, que é a cultura, que é a educação, todos falando a mesma linguagem, tentando atrelar tudo isso em um único lugar.





E assim surgiu a casinha, como eu gosto de chamar. Às vezes a gente tá se conversando, 'Você tá na onde?', 'Ah, eu tô na casinha'. E aí aqui virou nosso ponto de encontro. Já serviu de palco para outras pessoas virem, 'Ó, a gente precisa de um lugar para gravar o nosso documentário, precisa gravar uma entrevista, posso usar?'. E a gente foi conhecendo muita gente, foi se aproximando de muitas pessoas. E estamos aí na luta esse tempo todo pra tentar, pelo menos levar um pouquinho, se a gente atingir o coração de pelo menos de 10% da molecada que é o nosso foco, a gente já tá mais que satisfeito.

# ANDRÉ GOMES ROMÃO



FOTO POR: JULIA DE SOUSA (@SOU_JPEG)



**THEO MARQUES**
19 ANOS
“QUERO ME DEDICAR AO
QUE EU GOSTO: FAZER ARTE”

FOTO POR: **GUILHERME AUGUSTO** (@THE.AUGUSSTO)





# QUEM É DEL?

ENTREVISTA POR: **GUILHERME AUGUSTO**

**ANDRÉ GOMES ROMÃO, CONHECIDO ARTISTICAMENTE COMO DEL, É UM GRAFITEIRO DE CARAPICUÍBA, DE 43 ANOS, CUJA TRAJETÓRIA COMBINA RESISTÊNCIA, ENSINO E CRIAÇÃO. NASCIDO E CRIADO NA BEIRA DO CÓRREGO, ELE TRANSFORMOU AS ADVERSIDADES DA INFÂNCIA EM COMBUSTÍVEL PARA A ARTE. INICIOU NO GRAFFITI EM 1995, PINTANDO PORTAS DE COMÉRCIOS, E, DESDE ENTÃO, CONSTRUIU UMA CARREIRA SÓLIDA QUE HOJE ABRANGE PROJETOS DE ARTE-EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÕES EM EXPOSIÇÕES TANTO NO BRASIL QUANTO NO EXTERIOR.**

## 1 COMO VOCÊ COSTUMA SE APRESENTAR QUANDO PERGUTAM “QUEM É VOCÊ?”

“Essa é uma pergunta um pouco complicada pra eu responder, porque todo mundo quer um rótulo, né? Todo mundo tem que ser rotulado. Eu fiz e faço muitas coisas, então, na maioria das vezes eu tento me esquivar dessa pergunta. Porque eu acho que é complicado, realmente, se rotular. Legal as pessoas falarem ‘ah, o Del é um bom professor’, ‘O Del é um mau professor’, mas aí eles estão me vendo como professor. Eu não me vejo com um rótulo, não. Sou um sonhador.”

## 2 ONDE VOCÊ CRESCEU E COMO ERA ESSE LUGAR?

“Na verdade eu nasci em Diadema, e na minha primeira infância eu morei no Paraíso, mas eu não me lembro dessa parte... eu vim para Carapicuíba muito novo. Com 7 anos eu vim morar aqui na Marginal. Era um lugar muito precário, à beira do córrego sem saneamento básico, uma casa simples e uma família simples, mas a gente costumava ver aquilo de maneira muito mágica, era maravilhoso. A rua era de terra e a gente jogava bola, brincava, o córrego na verdade se tor-

nou uma atração de brincadeiras a gente inventava. Acho que o ser humano tem o poder de se adaptar ao ambiente e eu, hoje, vejo a minha infância agora e vejo que ela era muito difícil, era bem complicado, mas era maravilhoso. A gente via de um jeito de criança e tendo como brincar já era maravilhoso, mas com os olhos de adulto, olhando para trás, era um lugar muito precário; insalubre. Mas era o que estava tendo e era lindo. Era nossa quebrada."

## 3 QUE LEMBRANÇA DA INFÂNCIA VEM À CABEÇA PRIMEIRO QUANDO PENSA EM "FELICIDADE"?

"Quando criança acho que nossos sonhos são mais fervorosos, a gente nem tem dimensão das dificuldades, e a gente é feliz só de sonhar. Tem uma frase que fala; se tirar os sonhos de um moleque da quebrada, você tira tudo dele. Porque a probabilidade dele não conseguir realizar é grande, mas só pelo fato dele estar sonhando, ele está se movimentando. Então claro que minha felicidade sempre esteve ligada ao desenho, à arte, mas eu lembro quando tinha passeio da escola, eu nem dormia de ansiedade, ficava ali na adrenalina, era maravilhoso, a felicidade era o sinônimo de aumentar. Quando a gente é criança a gente tem esse poder de alimentar as coisas de uma maneira bonita. A felicidade era saber que amanhã eu ia brincar de novo."

## 4 QUE TIPO DE CRIANÇA VOCÊ ERA?

"Eu sempre fui uma criança que se preocupou muito em não decepcionar minha mãe, e isso sempre me manteve em um bom caminho. A escola era uma prioridade, não que eu fosse muito dedicado, eu fazia o previsto e tinha felicidade de conseguir a nota que eu precisava. Acho que era uma criança proativa, eu me envolvi em muitas atividades, era uma criança curiosa, assim como sou um adulto curioso."

## 5 QUE CHEIROS, SONS OU LUGARES DA INFÂNCIA AINDA TE DÃO SENSAÇÃO DE CASA?

"Tem um cheiro que me remete muito à minha infância, que é o cheiro de vela derretida. Porque eu fazia balão, que foi uma coisa que o meu padrinho me ensinou, na época ainda não era proibido. E derreter a vela, fazer a bucha do balão, pra mim era a coisa mais sensacional que acontecia na minha infância, na minha adolescência e na minha idade adulta. Até hoje se derreter uma vela pra fazer uma bucha eu vou estar feliz pra caralho."





## 6 O QUE VOCÊ COMEÇOU A PERCEBER SOBRE QUEM ERA OU QUERIA SER NA ADOLESCÊNCIA?

"Eu servi o exército e eu acho que nunca fiz a minha família tão feliz e tão orgulhosa. E eu queria muito seguir a carreira militar mas o universo tinha outro projeto e não deu certo, tive que sair, e fiquei preso. Foi uma parada bem traumática. Porém, eu tinha uma outra visão de vida. E, hoje, eu enxergo que seria impossível eu ser um bom militar. E o que eu sou hoje como artista, na verdade, não é uma escolha minha. Acho que, foi um universo que me escolheu, foi as minhas necessidades de trabalho, um caminho que eu encontrei e que, além de me deixar feliz, me dava uma grana."

## 7 TEVE ALGUMA VIRADA DE CHAVE?

"O serviço militar. Como eu falei, não deu certo, não nasci pra isso. Não tinha como dar certo. E eu falei assim: 'Pô, mano, se eu fizer duas portas de aço por mês, que é pintar a porta de aço do comércio, nós temos o bar do seu Zé, adega do 'alguma coisa', eu vou ganhar o que eu ganhava no mês no exército'. Então, eu só preciso ter um pouquinho de dedicação e a 25 anos eu levo isso muito a sério, porque eu não quero fazer outra coisa a não ser isso. Tanto que ninguém da minha família, família que eu digo assim-, pai, mãe, esposa, ninguém leva tão a sério quanto eu. Porque me ver fardado era muito mais bonito do que me ver sujo de tinta. Mas para mim não. Pra mim sempre foi muito mais bonito, mais íntegro, mais eu mesmo, mais verdadeiro: tá sujo de tinta, tá com tinta nas mãos, tá com tinta na roupa e tá pintando."

MURAL GRAFITADO POR DEL

FOTO: JULIA DE SOUSA



## 8 VOCÊ ESCOLHEU O SEU CAMINHO OU ELE TE ESCOLHEU?

“Se eu falar pra você que eu queria ser um grande artista quando criança eu tô mentindo, até hoje não me vejo como um artista. Como eu falei dos rótulos, não me vejo desse jeito. Claro que eu tinha sonhos, a gente tem os sonhos quando a gente é criança. Mas como que um moleque que mora na beira do córrego pode sonhar com isso? Então não tive a possibilidade de ter sonhos profissionais, e hoje eu ser um artista não foi uma escolha, foi uma necessidade, mas claro que tem muito amor pela arte.”

## 9 EXISTE ALGO QUE VOCÊ GOSTARIA QUE O MUNDO ENTENDESSE MELHOR SOBRE QUEM VOCÊ É?

“Então, o que o mundo tem que saber de mim é que eu sou uma pessoa sensível e que eu não tô tão preocupado em agradar. E o que eu faço é realmente de verdade e eu não vou grafitar um estabelecimento pensando em agradar o mundo. Eu vou grafitar esse estabelecimento pensando em agradar aquele cliente que tá me dando a confiança de me dar aquele trabalho.”

## 10 COMO VOCÊ GOSTARIA DE SER LEMBRADO?

“Vivo! Enquanto eu tô aqui, eu quero que as pessoas lembrem de mim, me abracem, me beijem, brinquem comigo, tomem cerveja comigo. Acredito muito no amor que a gente pode dar para sua pessoa enquanto sua pessoa respira, enquanto a pessoa está aqui. Então, se eu pudesse fazer um pedido de como que eu quero que me lembrem de mim, é vindo e me dando um abraço.”





## 1 DE ONDE SURGIU A IDEIA DE DESENHAR O SEU CARACTERÍSTICO E.T?

“Em 1997, mais ou menos, surgiu um movimento que era o movimento Clubber, um movimento underground de música techno. Um movimento de música eletrônica, de umas baladas caríssimas, de umas roupas caríssimas, de umas paradas muito fora da nossa realidade. E um dos elementos que tinham foco eram os alienígenas. E eu já grafitava, eu comecei a fazer uns E.T segurando umas armas, eram uns E.T revoltado com tudo aquilo. E o meu trabalho me levou a dar uma brecada nos grafites de rua. E quando eu voltei, eu fiquei buscando uma identidade pros meus novos grafites e eu precisava criar alguma que as pessoas pudessem saber que é meu só de olhar, então lembrei do E.T. Só que esse E.T, ele vem com um outro olhar: lá tinha um quê de revolta, e hoje não, hoje tem um olhar de, qualquer pessoa que ame o seu próximo, além das vaidades que o mundo impõe, não é desse mundo.”

PAREDE GRAFITADA COM O SEU E.T (ACERVO PESSOAL)



Eu tenho que tomar muito cuidado com o que eu falo, porque se eu falar realmente o que tá dentro de mim, pode ser que eu frustre muitos jovens que estão querendo ser artistas. E que a percepção deles para os momentos que eu vivo vão ser outras. Então a minha opinião é minha, não importa. E, pode ser que você faça uma determinada coisa igualzinho eu fiz e você tem uma percepção boa e eu tive uma percepção ruim.

Então, quando eu fui pra França, tinha que ser esse tema. Por que que tinha que ser esse tema? Porque esse tema é o tema que as pessoas mais acham relevante na minha vida. E é um dos temas que eu acho menos relevantes na minha vida. Por quê? Porque manter a escola Lumiart, é trabalhar na periferia, viver de arte no Brasil, e tentar fomentar cultura na quebrada, é muito maior do que uma vaidade individual de eu ir lá na França e expor um quadro e voltar.



ESCANEIE O QR CODE
E ESCUTE A ORALIDADE
DE DEL

Porém, quando isso aconteceu na minha vida, virou a chave na visão de muita gente, que é a pergunta que você fez.

Como que você quer que as pessoas te vejam? É, no futuro e tal. Na verdade, elas vão ver do jeito que elas imaginam. Ninguém vai conseguir ver eu realmente do jeito que eu sou. Nem as pessoas próximas. Porque o que a gente tá sentindo, ninguém vê. Então, assim, a vontade de ir pro Museu do Louvre foi na minha pós-graduação. Eu sou formado em artes visuais, e sou pós-graduado em história. E um dia eu tive que fazer um trabalho sobre o Louvre. E eu fiz o trabalho. E quando eu fui pra facul, que era no sábado, eu estudava no sábado o dia inteiro na pós-graduação, que eu entrei no elevador pra subir pra minha sala, eu encontrei com três meninas com algumas malas. E elas estavam vindo do Louvre.

Elas estavam chegando do Louvre, elas fizeram o trabalho delas lá no Louvre, lá na França. E eu fiquei chocado e eu fiquei frustrado pra caralho, querendo desistir da facul, porque eu falei assim: 'Porra, mas como que o meu trabalho vai ser minimamente bom disputando com pessoas que têm tais condições?"

E aí eu fui apresentando, era em grupo, a gente apresentou nossos trabalhos, os meus amigos eram muito inteligentes, muito bons mesmo. Eu sempre só soube desenhar. Então, nosso trabalho foi bem sucedido. O das meninas foi tão bom que elas falaram para a professora coisas que nem a professora sabia. Uma doutora lá dando aula pra gente. Porque o nível de grau dos professores são bem altos, numa pós-graduação. E aquilo ali despertou uma coisa na minha cabeça.

Falei, um dia eu vou nesse porra ainda. E aí eu comecei a realmente a olhar de outra maneira. Parece que as coisas nascem primeiro na nossa cabeça e depois elas vão para o mundo. E aquilo foi uma semente, eu comecei, continuei trabalhando e tal. Em uma viagem que eu fui para Portugal pintar, um amigo meu tinha exposto no Louvre, e eu falei: 'Mas como?"

Ele me explicou como era e tal. E aquilo foi acontecendo na minha vida e eu criei esse sonho. Esse desejo, e fui. Guardei grana. É isso. É grana. As pessoas têm que entender isso. Grana, grana e grana. 'Como que você expõe no Louvre?' Grana. 'Como que você viaja para Paris?' Grana. Tem que ter grana.

Então assim, por isso que é um pouco frustrante no meu caso. Porque eu comecei a desvendar como que eu chegaria lá. Como que eu chegaria lá? Grana. Só que é assim,





ANDRÉ GOMES VISITANDO A GRANDE GALERIA EM PARIS, FRANÇA (ACERVO PESSOAL)



como que eu ganho grana? Fazendo arte. Então eu estar lá no Louvre foi muito verdadeiro. Por isso que eu falo, quando eu fui para o Louvre, eu levei a quebrada inteira. Eu levei o grafite, eu levei a minha cultura. Eu levei a minha verdade.

**QUANDO EU FUI PARA O LOUVRE, EU LEVEI A QUEBRADA INTEIRA**

# CIRCUITO CULTURAL

## UM MAPA VIVO DE CARAPICUÍBA: OS ESPAÇOS PÚBLICOS E INICIATIVAS QUE MANTÊM A CRIATIVIDADE DA CIDADE EM MOVIMENTO

ESCRITO POR: GUILHERME AUGUSTO (@THE.AUGUSSTO)

A cultura de Carapicuíba não cabe em uma única caixa, nem se limita a um único endereço. Ela é feita de múltiplos territórios que conversam entre si, formando uma rede de respiro e criação no meio da mancha urbana. Se a Aldeia Jesuítica é o coração histórico que pulsa desde o século XVI, a cidade moderna desenvolveu novos pulmões para garantir que a arte e a convivência continuem circulando.

Nesta seção, percorremos o mapa vivo da cidade. Visitamos lugares que funcionam como guardiões da nossa identidade: dos parques que oferecem o verde necessário para o lazer das famílias aos teatros e bibliotecas que abrem portas para o imaginário. Passamos por centros de cultura onde a juventude aprende um ofício e por espaços de memória que conectam o passado ao presente.

Em Carapicuíba, cada um desses locais desempenha um papel vital. Eles não são apenas prédios ou áreas de lazer; são pontos de resistência contra a dureza do cotidiano. São os palcos onde a comunidade se reconhece, onde o artista local encontra seu público e onde o morador exerce seu direito à cidade. Conhecer esses espaços é entender que, entre o asfalto e a história, existe uma cidade inteira pulsando criatividade.

CIRCUITO CULTURAL

MAPA DE CARAPICUÍBA

01

# COMPLEXO CULTURAL

02

# ESCOLA LUMIART

03

# ALDEIA

04

# ASSOCIAÇÃO SÃO JOAQUIM

# COMPLEXO CULTURAL 01




FOTO: SITE GOOGLE

O Complexo Cultural de Carapicuíba é um equipamento contemporâneo pensado para aproximar pessoas e linguagens artísticas. O espaço oferece aulas regulares de música, dança e teatro e funciona também como palco para apresentações, lançamentos de livros e exposições. Sua programação mistura cursos permanentes com eventos pontuais que celebram a produção local frequentemente em parceria com a Prefeitura, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo, fortalecendo redes de artistas, coletivos e público. Com áreas voltadas tanto para a formação quanto para encontros e mostras, o Complexo atua como centro de convivência cultural: um lugar para aprender, experimentar e conferir o que a cena da região está produzindo.

@prefeituradecarapicuibaoficial
(11) 4164-1802
(11) 4164-5500
Avenida Brasil, 24 — Cohab I
Carapicuíba — SP, 06325-000





# 02 ESCOLA LUMIART




FOTO: JULIA DE SOUSA

A Escola Lumiart, na Cidade Ariston, democratiza o acesso à arte e à cultura na periferia. Criada pelo artista Del a partir de aulas de grafite e desenho, cresceu e se tornou um espaço que abriga oficinas de artes visuais, a quebradoteca Sérgio Vaz e saraus que fortalecem a poesia, como o Encontro Poético, e a expressão coletiva do bairro. Além das aulas, a Lumiart funciona como ponto de encontro para crianças, jovens e adultos que buscam um lugar seguro para criar, aprender e trocar experiências. Sua trajetória é marcada por resistência: superou a pandemia, transformou uma casa simples em centro cultural e manteve viva a proposta de formar pela arte. Hoje, é referência afetiva na região, um espaço onde a comunidade se reconhece, se fortalece e constrói novos caminhos por meio da criatividade.

@escolalumiart
Avenida Marginal, 1001A — Cidade Ariston
Carapicuíba — SP, 06395-010

# ALDEIA 03



FOTO: SITE CARAPICUIBA.GOV

A Aldeia de Carapicuíba é um dos lugares mais históricos da região, fundada em 1580 e conhecida por preservar sua arquitetura original, com a Igreja de São João Batista e as casas coloniais que formam um quadrado ao redor da praça. Mas, apesar da aparência antiga, o espaço é muito ativo e recebe eventos culturais durante todo o ano.

## OCA CULTURAL

A Oca Escola Cultural, na Casa 21 da Aldeia de Carapicuíba, oferece oficinas de capoeira, música, luthieria e marcenaria para crianças e jovens, além de projetos educativos que conectam arte e memória local.

@oca.escola.cultural
(11) 93245-2587
Rua Xapuri, 600 — Jardim Colonial
Carapicuíba — SP, 06343-020

## BATUCALDEIA

O BatucAldeia é um coletivo de percussão fundado em 2015 por Blec Paulo que ocupa a Praça da Aldeia com aulas-ensaio abertas e apresentações. Trabalhando ritmos como maracatu, coco de roda e samba-reggae, o grupo abre e anima eventos como Forró da Aldeia, Roda de Coco, Sarau Sexta-Negra, Festa Junina e outras ocupações culturais. Todas as atividades são gratuitas, priorizam artistas e profissionais locais (com foco em pessoas negras) e já resultaram em discos, videoclipes e reconhecimento institucional, consolidando o Batuque como eixo de resistência e formação cultural da comunidade.

@batucaldeia
(11) 99009-7052
Rua João Fasoli — Jardim Marilu
Carapicuíba — SP, 06340-020





# 04 ASSOCIAÇÃO SÃO JOAQUIM



FOTO: SITE ASSOCIAÇÃO SÃO JOAQUIM

A Associação São Joaquim, fundada em 2006 ao lado da Aldeia de Carapicuíba, é um centro de convivência que valoriza o envelhecimento ativo e a autonomia das pessoas idosas. Longe de ser um asilo, o espaço oferece um dia a dia cheio de movimento: hidroginástica em piscina aquecida, yoga, coral, orquestra de violões, oficinas de artesanato, inclusão digital e rodas de conversa que fortalecem saúde, vínculos e cidadania. A casa também anima a cena cultural da região com eventos como o tradicional Sopa na Cumbuca, além de bazares e apresentações artísticas. Com uma sede ampla, cercada de jardins e áreas de convivência, a São Joaquim é um ponto de cuidado, aprendizado e encontro, um verdadeiro elo entre a Carapicuíba histórica e a que olha para o futuro com dignidade para sua população idosa.

@associacao.saojoaquim
(11) 99216-2437
Rua Xapuri, 600 — Jardim Colonial
Carapicuíba — SP, 06343-020

# ORALIDADES DAS RUAS

## DEPOIS DE OUVIR TANTAS VOZES, É HORA DE OLHAR PARA ELAS

Cada fotografia que vem a seguir carrega uma história contada em poucas palavras. Às vezes é uma lembrança, às vezes um sonho, um pensamento solto dito sem ensaio. Outras vezes, o registro vale pelo gesto e pelo olhar, capturando apenas a pausa de quem parou um instante no meio da rotina.

São retratos de gente que vive, trabalha e circula por Carapicuíba. Uma mistura de vivências que, com seus nomes e trajetos, dão rosto à multidão. Pessoas que não são apenas personagens, mas a identidade real que movimenta o dia a dia da cidade.

FOTOS POR: **GUILHERME AUGUSTO** (@THE.AUGUSSTO)


BRYAN
18 ANOS
KAWE
17 ANOS
ANDRÉ
17 ANOS
JÚLIO
18 ANOS
GUSTAVO
18 ANOS







**ARTHUR**
18 ANOS

**RHAI**
18 ANOS

**JOÃO LUCAS**
10 ANOS
"SEMPRE TER TUDO, E QUE MEU TIO FIQUE BEM NO CÉU"




**JOAQUIM DOS SANTOS**
62 ANOS
"VENDO COCADA POR AQUI HÁ 26 ANOS"










**ANA PAULA**
**(BAH)**
53 ANOS




**BIRA**
72 ANOS




**AILTON**
63 ANOS
"SOU DONO DESSE BAR"




**PAULO EDUARDO (LOPA)**
53 ANOS

**AGUINALDO LUIS DA SILVA (CEBOLA)**
53 ANOS



**TATIANE NAISE**
46 ANOS

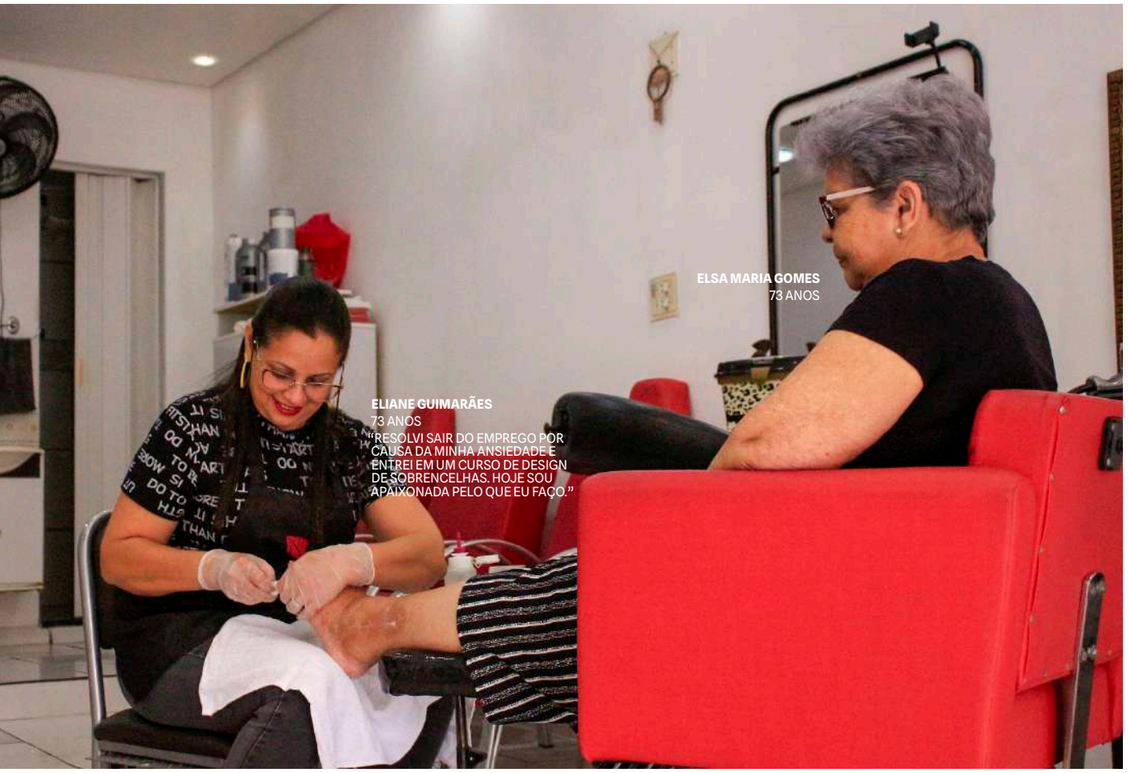






**EDUARDO BARBOSA (DU BAIANO)**
59 ANOS

**TERESA DO NASCIMENTO (TERESINHA)**
59 ANOS



**ELSA MARIA GOMES**
73 ANOS

**ELIANE GUIMARÃES**
73 ANOS
"RESOLVI SAIR DO EMPREGO POR CAUSA DA MINHA ANSIEDADE E ENTREI EM UM CURSO DE DESIGN DE SOBRENCELHAS. HOJE SOU APAIXONADA PELO QUE EU FAÇO."







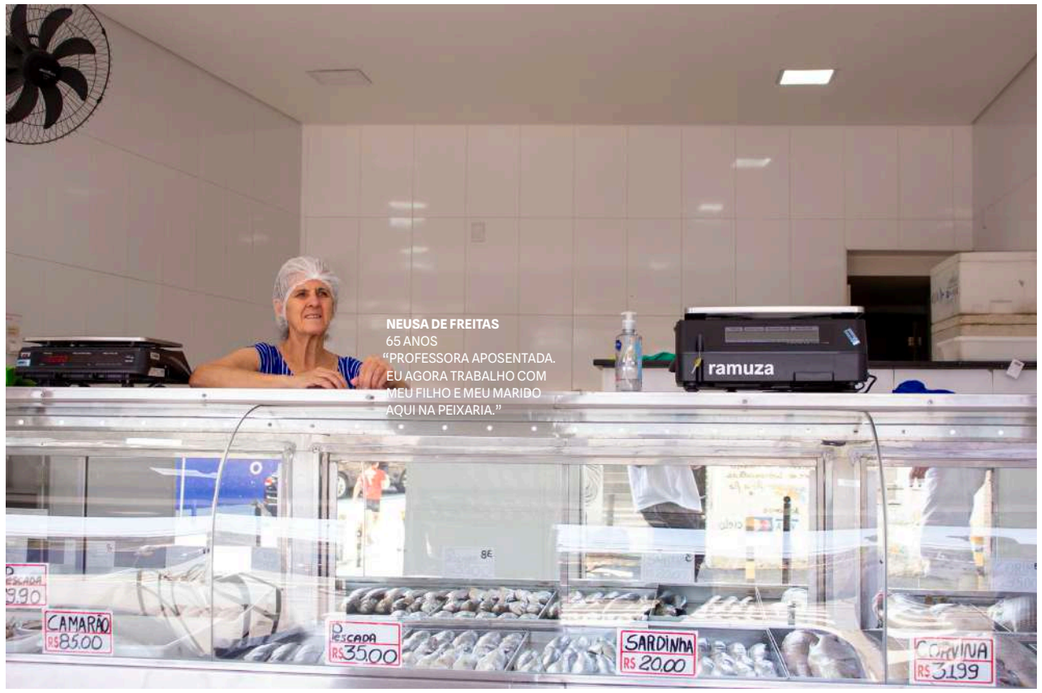
**ALFIDIS DE OLIVEIRA**
66 ANOS




**LEANDRO FRANCO DE ALCÂNTARA**
46 ANOS



**JORGE AUGUSTO DE OLIVEIRA**
62 ANOS
"MINHA FAMILIA SEMPRE TRABALHOU VENDENDO PEIXE NA FEIRA, HOJE EU ABRI MINHA PRÓPRIA PEIXARIA."




**NEUSA DE FREITAS**
65 ANOS
"PROFESSORA APOSENTADA. EU AGORA TRABALHO COM MEU FILHO E MEU MARIDO AQUI NA PEIXARIA."


140
25









**LUIS SANTANA DE ALCÂNTARA (LOLO)**
69 ANOS
"O MAIS CONHECIDO DA VILA CRETTI"

O POVO NÃO TEM O CÉU.
O POVO É O CÉU

— SÉRGIO VAZ

01/12/2025

FOTO TIRADA EM: COMPLEXO ESPORTIVO E EDUCACIONAL VILA CRETTI, VILA ROSA — R. JOSÉ FERNANDES TEIXEIRA ZUZA

